

# ESQUADROS . . .

*Adriana Calcanhoto (1992)*

Eu ando pelo mundo  
prestando atenção em cores  
que eu não sei o nome  
Cores de Almodovar  
Cores de Frida Kahlo, cores  
Passeio pelo escuro,  
eu presto muita atenção  
no que o meu irmão ouve  
E como uma segunda pele,  
um calo, uma casca,  
uma cápsula protetora  
Eu quero chegar antes  
pra sinalizar o estar de cada coisa,  
filtrar seus graus  
Eu ando pelo mundo  
divertindo gente  
chorando ao telefone  
E vendo doer a fome  
dos meninos que têm fome

Pela janela do quarto  
Pela janela do carro  
Pela tela, pela janela  
(quem é ela, quem é ela?)  
Eu vejo tudo enquadrado  
Remoto controle...

Eu ando pelo mundo  
e os automóveis correm  
para quê?  
E as crianças correm para onde?  
Transito entre dois lados  
de um lado  
Eu gosto de opostos  
Exponho meu modo,  
me mostro  
Eu canto para quem?

#### 4 TECENDO ESSÊNCIAS E DIMENSÕES

Como as linhas subjetivas que costuram o grande e estampado tecido social, a comunidade, vão se dando também estas linhas, concretas, que estão a costurar um tecido teórico, uma trama conceitual: a dissertação.

Neste momento cabe esclarecer que toda esta costura se deu através de um movimento dual, em que participantes e pesquisadora teceram juntos. Ao utilizarem linhas lingüísticas, discursivas e vivenciais, foram, através da fala, apresentando seus mundos e experiências cotidianas, alinhavando as essências fenomenológicas que, situadas nas redes do vivido, reúnem as dimensões puras de um existir, de um posicionar-se no mundo da vida.

# ESSÊNCIAS e DIMENSÕES

## 1) O TECIDO COMUNITÁRIO E AS TEXTURAS CONTEXTUAIS

- **O Contexto Comunitário e as Formas do Cotidiano**
- **A Cultura Comunitária : do Singular ao Complexo**

## 2) OS FIOS DA INTERSUBJETIVIDADE E SUAS TRAMAS

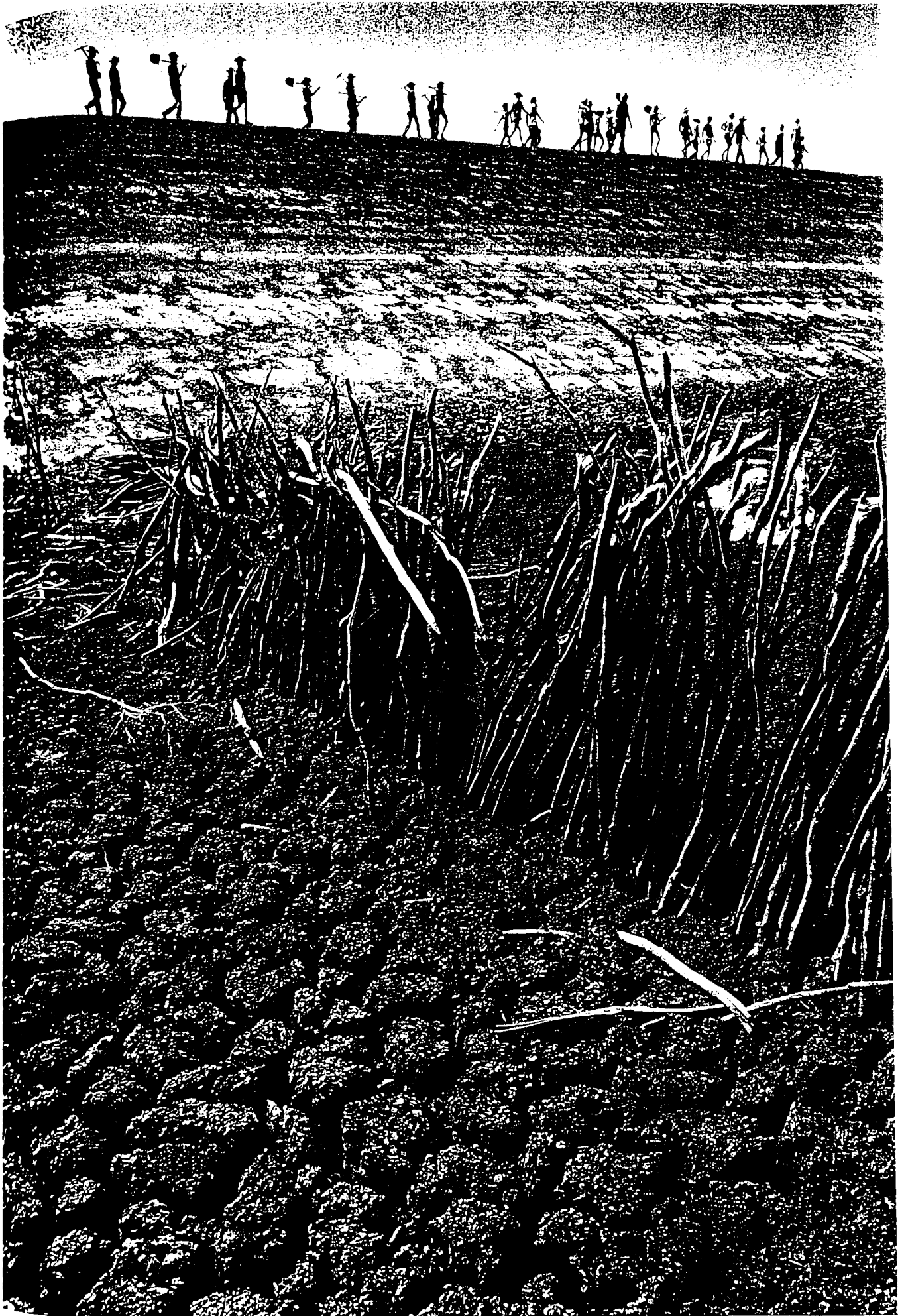
- **O tornar-se Agente Comunitário**
- **Mudanças Intra e Intersubjetivas:**
- **do crescimento individual ao inter-relacional**
- **Construindo Referenciais :**
  - *Pessoais*
  - *Coletivos*
  - *Sociais*

## 3) A COSTURA: A PLURALIDADE DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E SEUS PONTOS PRINCIPAIS

- **A dinâmica da Educação Não-Formal**
  - *A pluralidade dos movimentos: instrumentos e técnicas*
  - *Desmanchando alguns "nós : do começo e das dificuldades às conquistas*
- **O diálogo com a Educação Formal**

## 4) ESTAMPAS: CORES, SENTIMENTOS E VIVÊNCIAS

- **O Ensinar e o Aprender : Ressignificando Mundo- da-Vida**
- **Descobrimo o Prazer e as Realizações**
- **Perspectivando Sonhos, Expectativas e Desejos**



## 4.1 ESSÊNCIA I: O TECIDO COMUNITÁRIO E AS TEXTURAS CONTEXTUAIS

### 4.1.1 *O Contexto Comunitário e as Formas do Cotidiano*

Para falar de contexto comunitário ou entorno social, é necessário esclarecer a trajetória do conceito *comunidade* e suas considerações atuais, pois precisamos apresentar as diferenças marcantes entre algumas expressões que, no senso comum, são usadas como sinônimos do termo comunidade.

Se procurarmos a explicação conceitual para esse termo nas enciclopédias de Ciências Sociais, encontraremos designações do tipo: pode ser definida como uma agregação, um agregado, um grupo, uma associação, cujos indivíduos se ligam entre si:

1º) por parentesco consanguíneo - família;

2º) por convivência no mesmo solo ou território - aldeia, cidade;

3º) por identidade de crenças, ideologias, interesses econômicos, profissionais, de fins culturais ou de solidariedade humana - associações de auxílio mútuo.

Na Filosofia, a idéia de comunidade aparece sob as mais variadas perspectivas, mas sempre conotando a base de um "*ataque ao racionalismo utilitário, ao individualismo, ao industrialismo do laissez-faire e ao igualitarismo da Revolução Francesa*" (Sawaia, 1996 p.39).

No livro *Princípios da Filosofia do Direito* escrito por Hegel (1990), um dos pensadores mais proeminentes do século XIX, cuja filosofia dialética serviu de fundamento ao marxismo, o Estado é uma "*Communitas communitatum*" ao contrário da visão Iluminista que supõe o contexto comunitário como a agregação de indivíduos pela fixação de um contrato social.

Conforme Nisbet (1973), a visão de Hegel acerca da sociedade é concêntrica, ou seja, o funcionamento social se dá através de círculos interligados de instituições como: a família, a comunidade local (bairro, vizinhos, espaços de lazer e serviços), a comunidade eclesial, a comunidade escolar e os ambientes sociais.

Cada uma dessas instâncias possui um funcionamento próprio, com limites e operações peculiares, mas esse movimento de articulação permite que todas, em conjunto, constituam um elemento formativo do indivíduo e, conseqüentemente, do próprio Estado.

Foi na sociologia do início do século XIX que a comunidade passou a ser considerada uma *categoria analítica* do pensamento social e, nessa mesma época, iniciaram os debates que demarcavam a antítese, a dicotomia e os contrastes entre sociedade e comunidade.

Esse debate ganhou destaque nos estudos de Tönnies (1944), um pensador da sociologia alemã que, ao final do século XIX, propôs os termos:

- *Gemeinschaft* denotando *comunidade de sentimentos*, uma espécie de unidade associativa de idéias e emoções resultante da experiência cotidiana compartilhada - relações de convivência. Está apoiada na *vontade essencial* ou no *fenômeno natural* que emana de um **sentimento subjetivo** de união interior entre os envolvidos no entorno comunitário. Explora a inter-relação e a afetividade do ser humano e também é um espaço de experimentação de emoções e sentimentos. O trabalho e a crença comuns formam a base de construção desse contexto.
  
- *Gesellschaft*, querendo significar sociedade, se caracteriza pela predominância da **instância racional**. Traz uma visão do ser humano sem vínculo, distante e dividido. Está apoiada no individualismo e voltada ao mercado e seus subprodutos: dinheiro, compra, lucro, etc. As dinâmicas internas desse espaço se voltam à aquisição de bens (monetária) guiadas pela razão operante em função da lógica do mercado. Ao contrário do primeiro cenário, aqui impera a razão à emoção, à sensação.

A partir dessas delimitações semânticas, Tönnies cria uma estrutura tipológica da noção de comunidade, sistematizada desde idéias do início do século e que aparece situada dentro da sociedade - fazendo parte dela - mas recolocada numa condição de oposição entre modernização e tradição. A comunidade de Tönnies vai além de uma variável, um espaço é, sim, uma *realidade* e a *causa* para emergência de **distintos e progressivos fenômenos**.

A exemplo de Tönnies, também Weber (1964), considerado um sociólogo da ação social, a partir de suas reflexões sobre relações sociais solidárias, classifica e esclarece duas perspectivas diferenciadas: a *comunitária* e a *associativa*. A primeira está alicerçada na instância subjetiva do ser humano, no sentimento de pertença, de identidade e de suas implicações na **existência do outro** - capacidade de **inter-relação**.

Dentro dessa perspectiva comunitária, temos centralizada a questão da subjetividade, do envolvimento individual voltado à ação coletiva. Da necessidade de inter-relação nasce a ação comunitária, calcada numa reciprocidade de particularidades que geram aprendizagens mútuas entre o ser (agente) e o entorno sociocultural.

Nas linhas discursivas de *O Operário das Idéias*, um dos envolvidos na pesquisa, encontramos o conceito vivo, vivido dessa primeira categoria de análise:

*"Caminhando na comunidade começamos a nos dar conta de que, quando as pessoas se organizam e estamos junto, acontece como diz o ditado: 'chovemos no molhado'. Chegamos lá querendo ajudar mas, na verdade, as pessoas já fazem aquilo que tu diz e, talvez, apenas não tenham a questão teórica, mas a prática eles têm. A gente tem a questão*



*teórica, mas não sabe fazer a prática, então, aprendemos com eles. Eu, sinceramente, entrei no movimento e gosto disso, continuo fazendo para aprender e contribuir com aquilo que sei."*

Ao contrário desse exemplo, a segunda categoria está calcada em relações de interesse com motivações e resultados guiados pela ordem da razão (em valor ou finalidade), a inter-relação não faz parte do vivido, mas é um mecanismo estratégico para a obtenção de benefício, ganho, lucro.

Segundo Weber (1964), o que as diferencia é a questão da racionalidade, já que ambas interferem nas relações humanas e podem estar abertas ou fechadas em direção ao exterior.

Já Simmel (1984), um sociólogo que foi considerado o Freud das relações sociais, também muito contribuiu para o avanço conceitual do termo comunidade através de suas pesquisas sobre as relações inconscientes da organização social. Constatando os crescentes e acelerados avanços da cultura moderna, apontou para os efeitos negativos dessa transformação.

Com essa tese, o sociólogo denominou a *sociedade secreta* como o antídoto à alienação, ao individualismo e à impessoalidade das relações - reações resultantes do processo de modernização. Nesse espaço o indivíduo encontraria lugar para desenvolver sua identidade, autonomia e valores associados à cultura comunitária.

*"Na década de 50, comunidade penetrou com muita força nas ciências sociais, após ter sido recuperada na cena política no bojo de idéias liberais-populistas e corporativistas, inscrevendo-*

Foi na sociologia do início do século XIX que a comunidade passou a ser considerada uma *categoria analítica* do pensamento social e, nessa mesma época, iniciaram os debates que demarcavam a antítese, a dicotomia e os contrastes entre sociedade e comunidade.

Esse debate ganhou destaque nos estudos de Tönnies (1944), um pensador da sociologia alemã que, ao final do século XIX, propôs os termos:

- *Gemeinschaft* denotando *comunidade de sentimentos*, uma espécie de unidade associativa de idéias e emoções resultante da experiência cotidiana compartilhada - relações de convivência. Está apoiada na *vontade essencial* ou no *fenômeno natural* que emana de um **sentimento subjetivo** de união interior entre os envolvidos no entorno comunitário. Explora a inter-relação e a afetividade do ser humano e também é um espaço de experimentação de emoções e sentimentos. O trabalho e a crença comuns formam a base de construção desse contexto.
  
- *Gesellschaft*, querendo significar sociedade, se caracteriza pela predominância da **instância racional**. Traz uma visão do ser humano sem vínculo, distante e dividido. Está apoiada no individualismo e voltada ao mercado e seus subprodutos: dinheiro, compra, lucro, etc. As dinâmicas internas desse espaço se voltam à aquisição de bens (monetária) guiadas pela razão operante em função da lógica do mercado. Ao contrário do primeiro cenário, aqui impera a razão à emoção, à sensação.

A partir dessas delimitações semânticas, Tönnies cria uma estrutura tipológica da noção de comunidade, sistematizada desde idéias do início do século e que aparece situada dentro da sociedade - fazendo parte dela - mas recolocada numa condição de oposição entre modernização e tradição. A comunidade de Tönnies vai além de uma variável, um espaço é, sim, uma *realidade* e a *causa* para emergência de **distintos e progressivos fenômenos**.

A exemplo de Tönnies, também Weber (1964), considerado um sociólogo da ação social, a partir de suas reflexões sobre relações sociais solidárias, classifica e esclarece duas perspectivas diferenciadas: a *comunitária* e a *associativa*. A primeira está alicerçada na instância subjetiva do ser humano, no sentimento de pertença, de identidade e de suas implicações na **existência do outro** - capacidade de **inter-relação**.

Dentro dessa perspectiva comunitária, temos centralizada a questão da subjetividade, do envolvimento individual voltado à ação coletiva. Da necessidade de inter-relação nasce a ação comunitária, calcada numa reciprocidade de particularidades que geram aprendizagens mútuas entre o ser (agente) e o entorno sociocultural.

Nas linhas discursivas de *O Operário das Idéias*, um dos envolvidos na pesquisa, encontramos o conceito vivo, vivido dessa primeira categoria de análise:

*"Caminhando na comunidade começamos a nos dar conta de que, quando as pessoas se organizam e estamos junto, acontece como diz o ditado: 'chovemos no molhado'. Chegamos lá querendo ajudar mas, na verdade, as pessoas já fazem aquilo que tu diz e, talvez, apenas não tenham a questão teórica, mas a prática eles têm. A gente tem a questão*

*teórica, mas não sabe fazer a prática, então, aprendemos com eles. Eu, sinceramente, entrei no movimento e gosto disso, continuo fazendo para aprender e contribuir com aquilo que sei."*

Ao contrário desse exemplo, a segunda categoria está calcada em relações de interesse com motivações e resultados guiados pela ordem da razão (em valor ou finalidade), a inter-relação não faz parte do vivido, mas é um mecanismo estratégico para a obtenção de benefício, ganho, lucro.

Segundo Weber (1964), o que as diferencia é a questão da racionalidade, já que ambas interferem nas relações humanas e podem estar abertas ou fechadas em direção ao exterior.

Já Simmel (1984), um sociólogo que foi considerado o Freud das relações sociais, também muito contribuiu para o avanço conceitual do termo comunidade através de suas pesquisas sobre as relações inconscientes da organização social. Constatando os crescentes e acelerados avanços da cultura moderna, apontou para os efeitos negativos dessa transformação.

Com essa tese, o sociólogo denominou a *sociedade secreta* como o antídoto à alienação, ao individualismo e à impessoalidade das relações - reações resultantes do processo de modernização. Nesse espaço o indivíduo encontraria lugar para desenvolver sua identidade, autonomia e valores associados à cultura comunitária.

*"Na década de 50, comunidade penetrou com muita força nas ciências sociais, após ter sido recuperada na cena política no bojo de idéias liberais-populistas e corporativistas, inscrevendo-*

*se nas estratégias de modernização do pós-guerra para enfrentar a Guerra Fria" (Wanderley, 1993, p. 43).*

No Brasil, se formos esboçar um histórico da comunidade, poderíamos dizer que sua descoberta se deve a um estágio de avaliação crítica do papel das ciências e do paradigma da neutralidade científica, emergente nos anos 60 e culminante nas décadas de 70 e 80.

Nos anos 80, o conceito de comunidade invade o discurso das ciências humanas e sociais e se materializa no contexto das práticas na área da saúde mental.

*"Inicialmente, comunidade foi introduzida na área clínica, visando humanizar o atendimento ao doente mental e se espalhou, através de políticas desenvolvimentistas propagadas por organismos internacionais (...) especialmente nos países da América Latina" (Sawaia, 1996, p.44).*

Com essa aplicabilidade, o termo passou a nomear as múltiplas práticas fora de ambientes formais tradicionais, como consultórios e instituições. As ênfases da prática na comunidade estavam voltadas à educação e prevenção. Eram exploradas as potencialidades individuais e coletivas para incorporar as pessoas em programas oficiais de saúde e para prevenir epidemias.

A tese sociológica central, que estava a embasar a prática, pressupunha a modernização da cultura e da economia como via de acesso ao progresso - resultado de reformas em diferentes setores sociais.

*"Comunidade era entendida como unidade consensual, sujeito único e homogêneo, lugar de gerenciamento de conflitos e de mudanças de atitude. Sua prática visava a união de esforços entre povo e autoridade governamental para melhorar as condições de vida de comunidades e, através delas, integrar a sociedade nacional, construindo a prosperidade do país. E sua delimitação era espacial/geográfica" (Sawaia, 1996, p.45).*

Também devemos considerar o uso do termo comunitário nas linhas e entrelinhas de todo um discurso demagógico da política neoliberal que nos acompanha neste século. Aparece comumente como sinônimo de bem-estar coletivo, compromisso com o povo, numa atitude de defesa da pureza ética e cultural.

Como as alegorias do *novo mundo*, um lugar não contaminado pela civilização, toda utopia traz consigo um nebuloso conceito de comunidade, como um arquétipo de situação ideal, da comunidade organizada, inclinada para o bem e com preceitos morais e culturais próprios - como as indígenas - a exemplo dos primórdios da humanidade.

A impregnação conceitual, a partir dessa referência de comunidade, idealizada, perfeita, completa, ou seja, fruto de um imaginário utópico desencadeou, no Brasil, iniciativas de construção de comunidades de caráter utópico-socialista.

Neste mesmo período, a sociedade assistiu a toda uma reação intelectual, iniciada pelo pensamento conservador, que recuperava a

comunidade "*como modelo de boa sociedade, ameaçada pelo individualismo e pelo racionalismo, valores propagados pelo Iluminismo*" (Sawaia, 1996, p.45).

Assim o debate moderno ou *pós-moderno* gravitou em torno de duas visões acerca da comunidade: condenada ao antagonismo retrógrado e conservador, apegada ao passado e longe do progresso; ou aquela comunidade boa, que resgata tudo que foi destruído pelos avanços tecnológicos, perspectivada nos discursos dos que são contrários à modernização. Segundo Sawaia em

*"ambas as perspectivas, comunidade aparece como utopia que remete ao passado, com significado reacionário, cujo protótipo é a família, encontrando sua expressão simbólica na religião, nação, raça, profissão e nas cruzadas. Sua delimitação pode ser local ou global, pois o que importa é a comunhão de objetivos, a condição de continuação do tempo, o engajamento moral, a coesão e a coerção social"* (1996, p.38).

Mas, é do início do século XX que datam as pesquisas mais recentes sobre comunidades; principalmente na área das ciências sociais. A comunidade, na perspectiva sociológica, vem focalizada em dois âmbitos: *empírico* (em contraponto às situações institucionais e formais em que geralmente acontecem as pesquisas) e *estudos microssociais* (em oposição às análises estruturais).

*"Comunidade tornou-se referencial de análise que permite olhar a sociedade do ponto de vista do **vivido**, sem cair no psicologismo reducionista e pesquisar segundo procedimentos, até então próprios da antropologia nos seus estudos sobre "comunidades indígenas", como a observação participante ou empírica e estudos de caso"* (Sawaia, 1996, p.38).

incorporados aos hábitos culturais, estendendo-se desde os pessoais - vestuário, alimentação - até os sociais - moda, informação, etc.

O *Pastor Social* aponta os efeitos dos avanços tecnológicos e os reflexos dos mesmos na estrutura social atual. Ao falar da necessidade de *pensar o conjunto*, focaliza sua preocupação na necessidade de um pensamento plural, abrangente, que rompa com a postura fixada pela ótica capitalista presente nas práticas cotidianas dos novos tempos.

*"Existem preocupações que temos com nossa capacidade de consumo, existe congelamento de salário, existe desemprego, existem necessidades novas da nossa família e do outro lado uma pobreza, existem apelos na mídia para que o pessoal consuma marcas e do outro lado muita miséria e essas pessoas sonham junto porque elas também assistem televisão e querem o mesmo tênis (choro). Então, é preciso pensar o conjunto e um conjunto de situações e valorizá-las com a real dimensão que cada uma delas têm. Talvez esse medo tenha nos isolado muito da capacidade que temos de nos tornar catalizadores e protagonistas de uma transformação."*

Conforme Morin "o impulso das novas técnicas, notadamente informáticas, provoca perturbações econômicas e desemprego, enquanto poderia tornar-se libertador, com a condição de acompanhar mutação técnica com mutação social" (1993, p.32). Para esse autor é preciso "civilizar a terra" por meio de uma conscientização da comunidade terrestre, através da identificação dos e com os problemas globais.

*"Eis os formidáveis desafios feitos à humanidade inteira: insuficiência do desenvolvimento técnico econômico, marcha acelerada e descontrolada da techno-ciência, desenvolvimentos hipertrofiados da mercantilização de tudo, problemas cada vez mais graves postos pela urbanização do mundo (...)"*



*desregramentos econômicos e demográficos, regressões e estagnações democráticas, perigosos conjuntos de homogeneização civilizacional, destruindo a diversidade cultural e de balcanização das etnias, impossibilitando a civilização humana comum" (Morin, 1993, p.30).*

A título de exemplo, temos a "aldeia global" e suas performances - como é o caso da fantástica rede comunicacional Internet - ao mesmo tempo em que rompe fronteiras em minutos se encontra distante das práticas inter-relacionais e afetivas cotidianas de uma aldeia e, ao contrário, aponta o individualismo e o consumo exagerados como pré-requisitos incondicionais para quem pretende dela fazer parte - já que muitos serão os excluídos. Mais uma vez, o *Pastor Social* aponta exatamente estas influências:

*"A globalização veio da informação, a globalização é aquilo que acontece no mundo inteiro e nos chega rapidamente. Temos a globalização da Economia no sentido de que os capitais migram de um lugar para o outro numa velocidade incrível e, muitas vezes, só para fazer cassinos e aproveitar para tirar um pouco mais daqueles que muito precisam. A globalização não veio acompanhada de uma globalização do social, da globalização da solidariedade e então essa deve ser a nossa luta, para que se estabeleça a globalização de direitos, para que as pessoas possam desfrutar de uma vida mais digna. Esse é o conjunto que estabelece a razão desse trabalho, dessa ação na comunidade."*

O ser humano proposto por Morin (1998) está implicado num movimento terrestre, em que a consciência nasce da experiência e da implicação que o ser humano mantém com este mundo em que vive, seu mundo vivido. É o ser co-partícipe das dialéticas idas e vindas do existir humano.

Está como o ser humano fenomenológico, vindo do *humus*, significando terra fecunda, sendo a terra em seu momento de consciência, de responsabilidade, de amor. Por ser terra fecunda torna estreita sua relação para com todo o Universo, pois permite semear, crescer e espalhar sementes de identidade, cultura, cidadania e diversidade e, como num interjogo paradoxal, é parte de um todo e todo em uma parte, único e ao mesmo tempo carregado de pluralidades culturais que o constituem como sujeito.

Essa visão hologramática situa o ser humano no mundo, no patamar da experiência, da existência e da consciência. O mundo da vida passa por um resgate das *coisas mesmas*, simples, originais, próprias do vivido e distantes das fantasmagorias do pós-moderno. Os movimentos de busca, de retorno tentam capturar experiências esquecidas, o exercício fenomenológico situa o ser humano numa busca da originalidade, distante da significação, do rótulo.

A experiência pressupõe uma resposta do ser humano com o vivido. Ao tornar-se atitude-postura, restaura uma concepção, uma visão de mundo, uma ética, um saber articulado. Nessa perspectiva, a existência está situada no existir, *na consciência de* implicada não apenas num projeto, mas numa ruptura, num reposicionamento diante do mundo da vida.

Os estudos sobre a comunidade retornam a sua gênese num resgate da alteridade e da identidade como categorias proeminentes de uma vida social digna, numa recuperação do substrato ético-simbólico, voltado para a integração e autonomia.

Heller (1994) define admiravelmente a sistemática comunitária; para ela a *"comunidade é sistema de relação que remete ao mais alto grau de desenvolvimento de generacidade"*. A comunidade é aquele tecido envolvente, que impregna, abraça, pressupõe relação, participação em que a generacidade é o retorno às práticas solidárias da aldeia, da comunidade, num resgate ao mundo vivido, experienciado e mutante, situado na percepção do "eu" no "outro".

Nas palavras da *Recicladora da Vida* a participação, a parceria e a solidariedade são tônicas na efetivação de uma ação coletiva na comunidade. Para ela, a união dos envolvidos se transforma, dia a dia, em força para prosseguir na caminhada. É o primeiro passo para transformar o dado.

*"Então é um trabalho que está sendo muito bonito. Já estamos sendo considerados um dos quinhentos e treze projetos inovadores no mundo e com certeza não é pela separação do lixo que nós fazemos porque o mundo inteiro está separando, porque é ecologicamente correto e as pessoas já estão percebendo isso. A sociedade porto-alegrense também, como podemos ver. Antigamente nós não tínhamos material para separar, hoje há uma superlotação, as pessoas começaram a entender a importância disso através das campanhas e de tanto a gente falar. Aqui na comunidade nós estamos indo pela organização que temos e acreditamos, nos servimos dessa estrutura para, como liderança, como pessoas, como donas de nós mesmas, como **donas da nossa história**, termos um **fortalecimento entre uma e outra**, porque **tu não consegue fazer sozinha**, tu só consegue se vê uma outra parceira fazendo, pois aí tu consegue a força."*

O pronome *nós* aparece aqui como uma prolongação do *si-mesmo*. Para Heller *"la base de la consciencia del nosotros no está en las regiones de las ideas, sino sobre un suelo completamente terrestre. El particular es parte de una*

*integración: las victorias de la integración son realmente victorias del particular"* (1994, p.87).

Para ela, o entorno comunitário oferece valores e práticas específicas que permitem o desenvolvimento das potencialidades humanas em espaços cotidianos. Ressalta que a comunidade deve salvaguardar a individualidade, a dimensão singular, a diversidade para que não se torne uma unidade consensual, adotando uma visão de sujeito único e homogêneo.

Para que os valores e os projetos comunitários tenham sentido, é preciso que passem primeiro pela dimensão individual, sejam interiorizados para que, num segundo momento, postos na coletividade, se transformem em ação.

Conforme aponta Heller (1994), a relação face-a-face e o espaço geográfico não são fundamentais na configuração da comunidade, mas são sua base cotidiana de objetivação. Para ela, a generacidade humana - a humanidade realiza-se em forma concreta de vida, em célula de base. Então, é no movimento da comunidade que vamos situando nosso existir, processo de humanização, e ressituando nossa existência, processo de conscientização.

Foi em Nisbet (1977) que encontramos um registro conceitual muito abrangente acerca do termo comunidade. Apesar de ter sido escrito há quase três décadas, julgamos estar muito bem situado em relação à perspectiva histórica que traçamos até aqui.

Resgata aspectos muito pertinentes e comuns ao contexto atual e faz-se flexível quando destinado a um sujeito complexo, situado na dialética do vivido - da dimensão individual à coletiva:

*"Comunidade abrange todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional (...) Ela encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não neste ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social. Sua força psicológica deriva duma motivação profunda e realiza-se na fusão das vontades individuais (...) A comunidade é a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição" (Nisbet 1977, p.48).*

Como no conceito acima referido, também encontramos em Heller a instância individual (singular, particular) situada como parte integrante e fundamental no entorno comunitário (natural, local, social), pois segundo ela *"la comunidad es un grupo o unidad del estrato social estructurada, organizada, con un orden de valores relativamente homogéneos, a la que el particular pertenece necesariamente"* (1994, p.77).

Nessa perspectiva, a comunidade ou o espírito comunitário nascem das necessidades de exercício político, inter-relacional e de desenvolvimento da individualidade. A individualidade está guiada, conforme esclarece Heller (1994), pela **intenção consciente**, pela **vontade particular** de integração. Como vemos com propriedade na fala de *"A Recicladora da Vida"*:

*"Minha ação comunitária começou quando um belo dia eu fui na Conferência Latino-americana de preparação para mulheres e, chegando em Mar del Plata, vi que a minha*

*região era o segundo bolsão de miséria da América Latina, esse dado estava lá estampado numa grande estatística num mural. Então, voltei de lá **consciente** do que queria fazer, **eu** queria trabalhar a questão da violência. Eu estava num ônibus com mulheres conhecidas como grandes pensadoras da questão da mulher e consegui passar para algumas pessoas que **eu** estava disposta a me 'atirar de cabeça' num projeto que resgatasse a qualidade de vida das mulheres, onde **a gente** pudesse mudar essa condição de violência que estávamos vivendo dentro da vila".*

A clareza da intencionalidade (objetivação), somada à vontade de fazer (determinação) com o objetivo de unir forças (cooperação) em direção à mudança, assinala que a **integração** começa na vontade individual e consciente de participação.

O *eu* se plurifica em *a gente* e funciona como um sinônimo do pronome pessoal *nós* indicando a garantia de integração, envolvimento e participação. Num ideário habermasiano, em que prevalece a subjetividade social, poderíamos dizer que o "nós" é o espaço em que todos podem fazer uso dos espaços de fala, em que a dimensão do "*eu-tu*" é ultrapassada por uma nova instância; em que a democracia é um exercício, um sentimento que serve **para cada um** e **a todos**.

A representatividade do *nós* na pluralidade das manifestações sociais pode ser encontrada em diferentes formas de expressão. A título de exemplo estão a música e a poesia, ou seja, os cantores e os poetas que no mundo da vida estão a garantir alguns espaços de fala pertencentes à ordem social.

A cantora gaúcha Adriana Calcanhoto (2000) musicou um poema português de Mário de Sá Carneiro que versa: "*eu não sou eu, nem sou outro,*

*sou qualquer coisa de intermédio (...) que vai de mim para o outro*". Como vemos, a noção do sujeito e sua materialidade pessoal *eu* se confundem na extensão do *outro*. O *eu* passa a ser mediação, *intermédio*.

Pelas linhas da poesia vale citar também alguns versos de Paz (1988) que, como objetos oníricos, falam por si sós, em *Extracto sobre la vida* ele diz:

*"Nunca la vida es nuestra, es de los otros, la vida nos es nadie, todos somos la vida (...) los otros todos que nosotros somos - soy otro cuando soy, los actos míos son más míos si son también de todos; para que pueda ser he de ser otro, salir de mí, buscarme entre los otros (...) los otros que me dan plena existencia, no soy, no hay yo, siempre somos nosotros."*

Quando estamos implicados em um projeto social, saímos do resguardo introspectivo do *eu*. O envolvimento implica deixar que um estímulo muito forte (advindo do interior para o exterior) nos afete, ou seja, envolva nosso afeto e se situe no centro de nossa consciência (dirigida para algo).

As pessoas só se desenvolvem como seres humanos e indivíduos após passarem pelos inseparáveis e tangenciais processos de *objetivação* e *subjetivação*. Para que nos situemos no mundo (enquanto homem ou mulher), temos que antes passar pelo reconhecimento da *persona*, do nosso *eu* sujeito, indivíduo.

#### 4.1.2 A Cultura Comunitária: do Singular ao Complexo

Como um laboratório de experiências, sentimentos e vivências, a comunidade oferece aos seus protagonistas uma série de movimentos e práticas de experimentação social. O funcionamento comunitário parte do singular e evolui em direção ao complexo. Uma intenção particular torna-se genérica ao ser compartilhada e ganha adeptos, pois, aos poucos, a vontade singular vai se ampliando e incorporando na cultura local, se complexifica.

*"Los hombres cotidianos sienten y viven (aunque parcialmente) en sus experiencias cotidianas las mismas necesidades sociales, y las expresan también - al nivel de la particularidad o de la generacidad en-sí - en su saber cotidiano"* (Heller, 1994 p.324).

Um objetivo primário passa pelo coletivo e sofre reestruturações desde o delineamento até o planejamento, estruturação e efetivação da ação. O singular se dimensiona em prol de um plural, comum, de todos.

Para Heller é no contexto comunitário que as formas do cotidiano estão carregadas de sentido e significações. Segundo ela,

*"a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais (...) seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias"* (Heller, 1970 p.17-18).



Nessa ótica, consideramos o ser humano inserido em sua cotidianidade desde o nascimento, mas precisando amadurecer para a vida social. Para isso é preciso que adquira "*habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão*" (Heller, 1970, p.18).

Segundo a autora, essa aquisição pressupõe um amadurecimento que começa no **convívio grupal** - em pequenas comunidades - e esses grupos "*face-to-face estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (...)*" e sua maturidade social se exprime quando "*(...) é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário*" (Heller, 1970, p.19).

Para o *Pastor Social*, essa *assimilação* ou *amadurecimento*, que habilita o ser humano a passar da experiência comunitária à vivência de relações sociais mais complexas, passa por uma questão de consciência.

*"Os países pobres precisam ter noções de consciência e reconhecer a importância de poder oferecer condições melhores de vida para o seu povo. Mas, as informações não vão sendo colocadas devidamente e as pessoas ainda não têm a noção da importância de se unir, num sentimento de país, de pátria e essas são as questões que, ao longo do tempo, vamos discutindo com as pessoas, mesmo com as pessoas mais pobres, com aquelas que sabem aonde se geram as dificuldades que as condena à pobreza permanente."*

A idéia de pátria é, antes de tudo, a idéia de uma comunidade ou sentimento comum que vincula seres humanos pela identidade de condições de convivência humana no mesmo habitat, pela identidade de crenças, de

costumes, de instituições que imprimem uma fisionomia comum, um cunho de unidade, não mais natural, porém social, com base em um lastro de tradições que se dá em cadeia cujos elos prendem, não por laços consangüíneos, mas por um parentesco histórico.

Assumir nossa identidade é tomar consciência de nossas potencialidades e limitações, de que formamos parte de uma **cultura** rica em historicidade. O **sentido de comunidade** extrapola as resistências à invasão cultural; é a **leitura de uma cultura**, pluralizada constantemente.

*"Assim como é preciso estabelecer comunicação viva e permanente entre passado, presente e futuro, é preciso estabelecer comunicação viva e permanente entre as singularidades culturais, étnicas, nacionais e o universo concreto da terra, pátria de todos"* (Morin, 1993, p.29).

Se o termo cosmopolita quer significar que a **pátria é o mundo**, teríamos de partir da pólis como um sentimento vivido, primeiramente, em nível pessoal, individual, ou seja, como um pré-requisito para o sentimento comum, nacional, social e global. As metáforas lingüísticas de Neruda (1999), nos falam um pouco desse sentimento: *"Doy gracias a la tierra por haber esperado a la hora en que cielo y océano se unen, como labios, porque no es poco haber negado a otra, sintiéndose multitud y revivirse solo"*.

Conforme Habermas (1984), teríamos de partir do **mundo da vida** como um *setting* de experiências e ações emancipatórias. Considerar a pólis como um '*cosmo*' seria um segundo passo, pois pressupõe uma postura mais complexa, uma dimensão comunicativa de cunho participativo, social.

O trajeto em direção ao sociocomunitário exige passagens pela consciência individual, pelo convívio interpessoal, pelas experiências coletivas e cotidianas vivificadas na vontade de fazer - intencionalidade. A tarefa comunitária pertence àqueles que se identificam como parte integrante, e até referencial, no seu entorno sociocultural. Esse movimento vem ilustrado nas falas de dois agentes comunitários. Na primeira vem destacado o trajeto da ação comunitária: nasce no desejo, é mediado pela avaliação, pelo diagnóstico e ruma para o planejamento de novas práticas sociais, ações.

*"Cada vez mais, cada acontecimento violento contra as mulheres fazia crescer em mim um desejo mais forte de fazer algo para mudar, já que eu era uma pessoa conhecida na vila, inserida no movimento de mulheres e com um contato político bom, pois eu andava com os 'grandões lá de cima'. Eu me sentia na obrigação de fazer algo pela vila e o grupo de mulheres tinha confiança de que isso ia acontecer. Começamos fazendo um grupo e uma pesquisa perguntando o que nós mulheres poderíamos fazer, dentro da vila, para inibir a violência. As mulheres responderam e depois de uma avaliação vimos que a única coisa que poderia inibir a violência era se elas tivessem uma forma de renda, um meio de sustentação para se livrar da arbitrariedade dos maridos"*  
(A Recicladora da Vida).

Já o Operário das Idéias destaca o valor da integração comunitária, em que a comunidade ultrapassa o conceito de local formal de encontro para um espaço de participação, organizado em função da garantia de direitos.

*"O que acontece com a gente é assim: somos formados dentro de uma comunidade onde participamos porque a tradição é a de participar, o pai e a mãe já participavam e vamos crescendo e participando. No interior a comunidade é o lugar onde as pessoas se encontram, é o domingo, dia de se encontrar. Enquanto que na cidade vemos que a participação na comunidade e a participação em movimentos, com outras*

*peessoas, acontecem para poder garantir os direitos que temos, nos organizamos para poder fazer valer aquilo que já nos é de direito."*

Para Heller (1994) a expressão "conteúdo do saber cotidiano" é o resultante da soma de conhecimentos comuns sobre a realidade, mundo vivido, aplicado de modo efetivo na vida cotidiana: como guia de ações comunitárias, como temas de conversas, notícias.

Acrescenta ainda, a interiorização dessa soma de conhecimentos é o que faz com que todo sujeito possa *existir e mover-se* em seu ambiente. Como vemos na contribuição do *Poliglota Cultural*, a seguir, a informação e o debate reflexivo norteiam a ação comunitária:

*"Outro dia discutimos todos os estragos que aconteceram nesses quinhentos anos do Brasil e, ao conversar com as crianças, vi que eles argumentavam: - Nós não temos nada para comemorar, são quinhentos anos em que as coisas continuam acontecendo e vão continuar. Realmente, quais são os governos que incentivam a questão da educação? Por que será que hoje em dia ninguém mais quer ser professor? A visão que temos agora é do professor facilitador e não alguém que dificulte ainda mais as situações de ensino e de aprendizagem. Mas como os governos querem qualificar os professores? Como querem que façam uma especialização ou um pós-graduação ganhando o que ganham? Não tem como!"*

Quanto ao conteúdo do saber cotidiano, Heller (1994) aponta os aspectos *saber que* e o *saber como* atitudes igualmente importantes e inseparáveis na vida do dia-a-dia. O *saber que* é, no plano da vida cotidiana, um espaço de experimentação para o *saber como* e vice-versa. Os dois exercícios, inter-relacionados, formam um interjogo complementar. O *Pastor Social* nos fala exatamente dessa interlocução:

"Eu me emociono porque lembro que com os idosos **nós não sabíamos nem como começar**. Vimos que haviam idosos que já não tinham a visão boa, alguns homens, que são mais rebeldes e não tinha atividade específica para eles. Então começamos com as reuniões semanais e procuramos, no início, fazer atividades ocupacionais como: desfiar lã, fazer acolchoados, tapetes, tricô então os que enxergavam pouco iam desfiar lã, as que já se habilitavam mais faziam acolchoados. Depois **fomos inserindo**, aos poucos, **algumas atividades lúdicas** e já tivemos bingo, música e mais adiante, depois que já estavam menos assustados, começou um trabalho de conscientização, um debate aberto, do interesse deles."

A *Recicladora da Vida* nos dá um exemplo vivo de compromisso e responsabilidade social. Em suas palavras, ilustradas por uma bela metáfora, está estampado o envolvimento, o entrelaçamento, a consciência de que algo da ordem *comum* me pertence, diz respeito ao meu *eu individual*.

"Eu escutei uma história na conferência de Mar del Plata, sabia que os problemas eram muito grandes, sabia que eu tinha que ter muita força, muita persistência, mas não sabia como. Ouvindo a história de uma mexicana contando que havia um beija-flor e uma grande floresta que estava incendiando e o beija-flor ia lá, com seu biquinho na gotinha d'água e voltava para tentar apagar o fogo enquanto os outros animais ficavam debochando: -Ah, tu pensa que vai conseguir apagar este incêndio com um pingo de água? E ele disse: - Eu posso até não apagar o incêndio mas que vou fazer a minha parte vou. E aquela história me deu uma força muito grande. Posso até não resolver o problema da Mato Sampaio que é muito forte pela grande quantidade de pessoas aglomeradas num lugar só, pela superpopulação, por ruas que até hoje não tem infra-estrutura nenhuma, becos, pessoas que moram muito mal, mas que vou fazer minha parte, vou."

O resgate da vida na coletividade e da experiência comunitária devem contar com um primeiro resgate, individual, ontológico e singular. Conforme Morin:

*"É reabastecendo-se no passado que o grupo humano encontra energia para enfrentar o presente e preparar o futuro. A busca de um futuro melhor deve ser complementar, e não mais antagônica, ao recurso, ao passado. O recurso ao passado cultural é, para cada um, necessidade identitária profunda, mas essa identidade não é compatível com a identidade propriamente humana, na qual devemos também nos abastecer. A pátria terrestre não é abstrata, pois é dela que provém a humanidade" (1993, p. 28).*

Como vemos, a humanidade nasce e, de certa forma, até depende, de um mergulho ontológico anterior, intermediado por resgates puros da experiência particular. Como bem dizia Comiotto (1999): *"O homem da experiência original forma o grupo, mas preserva sua face"*.

É o homem fenomenológico que parte da **experiência** (essência primeira do saber cotidiano) **rumo ao conhecimento** (matéria bruta da ciência). Do vivido, essencial, singular, tira os substratos que o redimensionam à co-existência. É o ser que interage e se faz parte integrante e integrativa, através da experiência comum se articula rumo ao conhecimento.

Heller aprofunda essa questão e nos fala que *"cuando un conocimiento científico cala en el pensamiento cotidiano, el saber cotidiano lo asimila englobándolo en su propia estructura"* (1994, p. 322).

Ela explica que o saber científico, quando se apresenta ao cotidiano, vem *"aislado de su medio homogéneo"*, encontra-se distante do saber já existente. Chega, geralmente, em forma de novidade-manchete: *"Como você*

*sabe disso? Li no jornal*" e pouco tem a ver com o rol de significações que permeiam as representações sociais dos envolvidos no entorno social.

*"Se convierten parcialmente en el trampolín puramente intelectual, en el guía de una acción cotidiana; cumplen en parte la función de informaciones heterogéneas; y finalmente - y también aquí se trata de un uso práctico, aunque de alto nivel - contribuyen a desfetichizar la vida cotidiana, a formar la conducta de vida (...) En el plano del saber cotidiano, por el contrario, no es necesario conocer la génesis de todas las adquisiciones, ni la derivación ni la demostración"* (Heller, 1994, p.322).

Como vemos, o saber cotidiano está interessado e direcionado para outras gêneses. Em muitas falas, já apresentadas até aqui, vemos a ação comunitária norteada por um saber cotidiano. É uma prática guiada pelo interesse, pela curiosidade, pela intuição. Corroborando com essa premissa Heller afirma:

*"(...) las informaciones obtenidas a través del interés y la curiosidad hacia el conocimiento del mundo aún no constituyen saber científico. El modo que tales informaciones son aprendidas y asimiladas en el saber cotidiano no difiere sustancialmente de aquel en el que eran acumuladas en el pasado informaciones en absoluto científicas (basadas en mitos o supersticiones)"* (1994, p.323).

O *Poliglota Cultural* nos dá um exemplo muito pertinente que aponta para alguns impactos da cultura científica no cotidiano:

*"Mudou muito para mim o fato de ser acadêmico, passei a ser muito mais respeitado e as pessoas me enxergam de igual para igual. Eu não me sentia inferior, mas eu via uma realidade diferente, não me deixavam expandir muito porque eu não era acadêmico, mas tinha experiência para dar banho em muitos acadêmicos que vinham e não concluíam os trabalhos. Então, para mim agora é de igual para igual, não criei atritos e nem quero atritos, mas quero ser respeitado também, porque eu moro aqui dentro da vila (...) O pessoal vinha aqui só com intuito de concluir um trabalho de curso e não de fazer um trabalho comprometido com a entidade e isso marca bastante. Várias vezes já me roubaram, usaram meu trabalho e depois me criticaram e isso dá um choque porque tu vê que a pessoa usou o teu trabalho para fazer o dela, concluiu e depois ainda te critica."*

A prevalência do científico no cotidiano se materializa não só na comunidade, como vimos, mas nas práticas sociais globais. Os efeitos dos resultados científicos estão incorporados no nosso dia-a-dia, materializados, colados na cotidianidade e na pluralidade de suas práticas. Como constata Morin:

*"As prodigiosas elucidações que o conhecimento científico traz são acompanhadas pelas regressões cognitivas da especialização, impedindo a percepção contextual e global. Os poderes derivados das ciências não são exclusivamente benévolos, mas também destruidores e manipulativos. O desenvolvimento técnico-econômico, desejado por e para o conjunto do mundo, revelou quase por toda parte insuficiências e carências" (1993, p.30).*

Com essas noções, pretendemos destacar alguns aspectos que fundamentam a trajetória do singular em direção ao complexo. Vale esclarecer que a relevância das questões apresentadas até aqui não se justifica somente pelo fato de estarem presentes nos discursos de grandes nomes da



comunidade científica, mas por terem se constituído como essência na trajetória vivencial revelada na fala dos participantes desta pesquisa.

Heller ressalta: "*A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico (...) Também o genérico está 'contido' em todo o homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares*" (1970, p.20-1).

Assim como o particular desemboca no comum, mesmo quando partindo de uma dinâmica interna, básica da particularidade - na satisfação de necessidades do *eu* - o singular co-existe no complexo. A aliança das particularidades, a generacidade produzem uma individualidade unitária, com vistas ao plural, aberta ao humano-genérico.

O senso-comum abriga a cultura primária, a base, o conhecimento prévio, prático e pragmático (transparente e evidente) e a aprendizagem nasce, portanto, da síntese entre o antigo e o novo conhecimento. Temos de admitir, então, que a ciência é, permanentemente, a oposição e sobreposição de novos conhecimentos.

Na comunidade acontece o mesmo, os agentes e as pessoas implicadas no contexto social criam e recriam seus saberes numa construção coletiva. Na cultura comunitária o conhecimento nasce na vontade de saber e, na prática de todos aqueles que desejam e se envolvem, se faz um conceito em movimento. Para Alves (1996) "*sábio vem de 'sapio' que significa provador, que degusta, que põe a vida na boca*".

Na fala de todos os agentes comunitários, encontramos indicativos de que o conhecimento se produz num misto, numa mescla, através de um intercâmbio de equilíbrios e compensações entre o velho e o novo, o singular e o complexo, o formal e não-formal.

Como tônica da ação comunitária, os animadores socioculturais nos falam da disponibilidade, do envolvimento, da solidariedade e da entrega. Trata-se de uma entrega compromissada, que implica e constrói referências. Ao interagir com o entorno e perspectivar mudanças, os agentes se dedicam de forma muito compromissada com a causa social e vão, pouco a pouco, se autoconhecendo e fazendo-se conhecidos. Assumem a difícil metamorfose do *tornar-se*.



## 4.2 ESSÊNCIA II: OS FIOS DA INTERSUBJETIVIDADE E SUAS TRAMAS

### 4.2.1 *O tornar-se Agente Comunitário*

Tornar-se é um verbo de estado que indica processo, mutação. Quando *me torno*, assumo algo novo que, uma vez incorporado, referenciado, passa a ser meu. Para acontecer é preciso que uma posição seja assumida e, talvez, outra abandonada. Como ilustração temos a borboleta que, antes de alçar vôo, deve deixar de ser a lagarta e abandonar o casulo.

Assim como a borboleta, alguns agentes comunitários, enquanto pessoas comuns, cidadãos cotidianos, se arriscam a passar pela etapa de saída do casulo e abandonam o *enclausuramento social* ao qual estão submetidos. Inseridos numa sociedade consumista, onde o *eu* - vai além da primeira pessoa na conjugação do tempo verbal - mas é primeira pessoa em tempo real, social e a virtude está em cultivar o individualismo, eles começam com o que está ao alcance de suas mãos e priorizam o coletivo como norte gerador de suas atuações.

Ao abandonar o casulo, conseguem olhar para além daquela crosta. Voam alto e trabalham com muita responsabilidade a fim de promover algo a favor de seu entorno. Inseridos no contexto e conhecendo a paisagem comunitária, trabalham com os cheiros, com as cores, com as formas do cotidiano, ou melhor, com o que está cotidianizado contextualmente.

Na fala da *Artesã do Aprender*, vemos esses aspectos muito bem explicitados: *“A gente começou a registrar os cheiros, as impressões, como chegavam as coisas, o jeito que as pessoas caminhavam, o jeito que as pessoas brincavam, quem estava na rua domingo, quem estava na rua terça-feira, dia de chuva, quantos cachorros, estas coisas assim, porque nunca ninguém tinha nos ensinado a ver isso”*.

A mutação é justamente a disponibilidade de ver, de mudar os olhos, de pensar diferente, de vislumbrar o horizonte como ponto de partida. E *A Artesã do Aprender* complementa: *“Víamos que tantas coisas na comunidade se perdiam, que os grandes profissionais que andavam por lá passavam por cima e não viam aquilo tudo. Começamos a pensar que alguma coisa estava errada e começamos a sonhar com uma instituição, uma ONG que estaria disposta a trabalhar diferente”*.

*“Trabalhar diferente”* é abandonar o que se tem e romper com alguns parâmetros e conceitos pré-estabelecidos. É viver uma verdadeira *epoché*, numa aceitação do novo como possibilidade de suspensão do velho, do dado, do tido como certo e verdadeiro.

Ao revelar algumas de suas práticas, os agentes comunitários clarificam esse movimento de ruptura. Assumem a difícil tarefa de partir em direção do que ainda não conhecem e aceitam o desconhecido como um

desafio. A *Artesã do Aprender* nos diz: “*Aí começamos a eliminar todo o aprendido e passamos a entrar como estrangeiros: - Olha! Aqui tem mais negros, aqui mais branco! E fomos registrando tudo isso com a proposta de depois ver o que faríamos. Quando nos demos conta da quantidade de material que tínhamos, começamos a sonhar. Em 1970 pensamos: - Que lindo seria se um dia pudesse haver uma instituição que formasse as pessoas para serem gente e não para ser um profissional, gente antes de qualquer coisa. E foi assim que nasceu a ONG*”.

Além disso, os agentes comunitários são pessoas que, em sua grande maioria, estão eleitas pela comunidade, como verdadeiras lideranças, capazes de perceber suas necessidades e de, principalmente, prestar auxílio e orientação ao contexto comunitário em suas diferentes carências.

Na fala do *Acendedor de Vivências*, vemos esses aspectos muito bem pontuados. Ao falar de um sentimento de responsabilidade para com a ação social, esse agente comunitário refere a identificação e a confiança da comunidade como pontos centrais para o desenvolvimento de um trabalho realmente efetivo. Ao ver na figura do animador um *igual* aos demais que integram o contexto, ganha credibilidade e participa ativamente de todo o processo de intervenção comunitária.

*“Me sinto responsável e para esses jovens eu já sou uma referência, eles já depositam muita confiança em mim e isso é bom porque eu me sinto abrindo caminhos e, no futuro, quero continuar sendo um agente comunitário trabalhando pela minha comunidade. Percebo então que as pessoas já me identificam bastante como um agente comunitário e vêm falar individualmente comigo, já confiam em mim, sabem que não vou sair espalhando as coisas deles com todo mundo. Pelo fato de trabalhar com questões de AIDS e sexualidade, vejo que eles ainda têm muita vergonha de perguntar para os que não são iguais a eles. O fato de eu morar na comunidade também nos aproxima e muito,*

*somos iguais e eu me sinto igual a eles, nós não temos diferença nenhuma, eles são tanto quanto eu, para mim todo mundo é igual a todo mundo. Então, esse é um trabalho, também, de derrubar os preconceitos."*

Os agentes comunitários são uma espécie de *professor-povo* (termo utilizado por Nidelcoff, 1978) que valorizam experiências, a cultura popular e priorizam o coletivo. A participação solidária aparece como meio capaz de solucionar ou encaminhar problemas vividos pela comunidade. Muitas vezes, são molas-mestras de um verdadeiro processo educacional.

O *Pastor Social* nos fala emocionado dessa participação solidária que pressupõe entrega, comprometimento e responsabilidade. Ao dizer "*vamos nos comprometendo com as pessoas e com os grupos. Então, já não dá para dizer que eu seja um ilustre desconhecido dentro da comunidade e da paróquia (choro) como há tempos atrás eu era e também não dá para dizer que as minhas folgas que, no passado eram muitas, ainda estejam presentes porque encurtou bastante. Isso é um sinal de compromisso, pois não podemos frustrar as expectativas que se criam. Existe todo um envolvimento de forma que nos tornamos conhecidos e até reconhecidos pelo trabalho que fazemos e não é nada mais do que um trabalho de unir as pessoas porque eu sozinho não podia fazer nada*", esse agente nos mostra que a construção de uma referência comunitária simboliza a criação de um ícone, uma espécie de figura à qual o entorno se remete e confia.

Ao proporem atividades calcadas na autonomia da ação (discussão sobre os próprios problemas e busca conjunta de respostas para superação das dificuldades) e ao incentivarem a atitude problematizadora e crítica como possibilidade de uma aprendizagem eficaz, proporcionam um melhor funcionamento dessa grande engrenagem que é a comunidade.

Assim, nesta pesquisa, vamos guiados pela análise compreensiva e pormenorizada das vivências desses agentes comunitários, pessoas que, na maioria das vezes, não possuem uma educação formal dirigida à ação que desenvolvem e, tampouco, dispõem de títulos acadêmicos ou adotam grandes teorias para guiá-los em sua prática pedagógica comunitária.

Como educadores não-formais, possuem um saber cotidiano, de vida, um saber prático visto como **vital** pela comunidade, pois é com esse saber que tais agentes orientam seus entornos, através de uma atitude de igualdade de oportunidades, conduzindo a aprendizagem a partir da análise de situações reais numa relação pedagógica recíproca.

Seguindo alguns indicativos referidos nos depoimentos dos agentes comunitários, podemos apontar algumas considerações que merecem destaque:

- ✓ O agente comunitário tem que **estar na comunidade** criando a consciência de que, em verdade, o trabalho a ser desenvolvido tem a ver com um nível de organização, visando ao desenvolvimento do potencial humano e comunitário.
- ✓ O **trabalho é em conjunto**, embora o agente comunitário tenha um papel central e referente na condução da proposta de ação. As pessoas da comunidade não podem se sentir como usuárias da atividade grupal, mas membros efetivos no processo.



- ✓ **As questões sociais** que serão abordadas nesse tipo de intervenção **não são pré-fixadas**, mas o grupo constitui um espaço onde são escutadas e trabalhadas as necessidades reais percebidas pela população.
  
- ✓ Com o desenvolvimento gradual das intervenções comunitárias, promovidas pelos agentes, é criado **um espaço de cultura da solidariedade**, em que as metas, os objetivos e a ação estão direcionados para a obtenção de uma melhoria na qualidade de vida da população e, conseqüentemente, do entorno como um todo.

O *Operário das Idéias* aponta, com muita propriedade, as questões que gravitam em torno dessa concepção cultural. Ao nos falar da solidariedade como uma tarefa de todos, não só anuncia, mas *convoca* a importância de se envolver, numa entrega partilhada e compartilhada. Justificamos a preservação do depoimento na íntegra por tratar-se de uma única unidade de significado.

*“O que falta nas comunidades em que trabalhamos é tentar fazer com que as pessoas se comprometam com a vida, dando uma visão de como as pessoas podem fazer isso. O que acontece muito ainda é que, ao invés de ser uma **cultura da solidariedade**, o ser **solidário** porque é necessário, o ser **solidário sempre**, acontece o ato de solidariedade. Chega no inverno e se tenho uma camisa que está sobrando eu dou, se a pessoa está passando fome eu dou um quilo de feijão, mas isso é um ato esporádico e não uma tradição, **uma cultura**. O ser **solidário** é se sentir responsável, sentir que tenho parte naquela falta que a outra pessoa tem e se falta comida ou roupa eu tenho que pensar: -Bom, eu também*

*tenho parte nisso. Essa é a **atitude solidária**, a solidariedade em si e não um ato isolado. **Nós que estamos na frente das comunidades de base temos que trabalhar essa noção.** Acredito que na vida, se conseguirmos partilhar o pouco que se tem, já é o suficiente para resolver o problema de todos. Eu acredito que a partilha pode fazer com que as pessoas tenham seus direitos garantidos. E aí **entra a questão de criar uma cultura, uma cultura solidária, onde as pessoas sintam que são responsáveis umas pelas outras e não com atos solidários: Tem que ser uma cultura onde, de fato, eu precise fazer parte na vida dos outros, essa é a grande diferença.**"*

Além disso, o agente comunitário é um educador político, que, conforme afirma Gutiérrez:

*"Se em alguma época a opção política do educador foi importante, hoje ela é mais importante do que nunca. Sem essa opção esse compromisso será cada vez mais difícil a mudança social. Enfim, a ação política do educador, tal como a concebemos aqui, é a condição - e de alguma maneira a garantia - do devir histórico que conclama nosso povo" (1988, p.45).*

Conforme aponta o autor citado, a ação política do educador se faz emergente. É chegada a hora de os centros educacionais se deixarem impregnar por outras formas de aprendizagem, fazendo do projeto educacional um meio de desenvolvimento social e não só de reprodução e manutenção das classes desiguais coadjuvantes na realidade atual.

Fazer uma educação político-democrática é fundamentar a ação pedagógica sobre o *significado do ser humano em seu mundo*, sobre a significação própria desse sentido e sobre as conseqüências desse modo de existência.

A *Recicladora da Vida* nos fala um pouco das conseqüências de exercer um trabalho de linha de frente na comunidade e, ao nos falar sobre sua concepção de política, do ser político no seu modo de existência, faz uma proposta educativa, de troca de percepções, em que a atuação social e política não é pretensiosa, mas efetiva. Trata-se de uma postura: *“Esse ano é ano eleitoral e eu já tive inúmeras pessoas me perguntando: - Então, tu vai te candidatar? Como as pessoas estão viciadas, se tu faz alguma coisa já pensam que é com o interesse de ganhar algo em troca, em teu benefício e eu não quero nada disso, não quero voto, quero o contrário, quero confiança, credibilidade, tudo que os políticos não têm. Então eu respondo: -Se eu me candidatar as pessoas vão acreditar em quem? O que eu faço é por amor, doação, e não por interesse político. A questão política é importante, mas eu não preciso ser eleita para fazer política”*.

O *Operário das Idéias* também nos conta sobre sua concepção acerca do termo política e aponta essa noção nas entrelinhas de sua prática: *“Lidar com a desmotivação revela um momento muito perigoso para nós, tanto na comunidade como no momento político. No movimento popular o perigo está naquelas pessoas que não se dão conta do que é a participação política, no que diz respeito a elas nessa questão e esperam que alguém venha e resolva o seu problema e danem-se os outros. É muito perigoso pensar assim, pois nunca vamos chegar numa dimensão totalitária, vão uns e outros esperam e acabou. Isso é muito sério!”* Numa verdadeira construção, esse agente comunitário nos fala de uma dimensão, de uma concepção que o situa numa prática enquanto ser referente.

Trata-se de uma *dimensão totalitária* que, no princípio *hologramático* do pensador das idéias Morin (1998), aparece nas conjunturas e tessituras de um tecido muito mais amplo. O *homem-terrestre* de Morin não conhece fronteiras, é o *mundiólogo* que faz de seu contexto de atuação uma

dimensão maior, situada em um todo que envolve múltiplas faces: partes de um todo e todo em cada parte.

Sob essa ótica, pretendemos investigar como a educação acontece na prática desses *educadores não-formais*, que não possuem uma sala de aula nem conteúdos programáticos e, ao ensinar (ou aprender), oferecem um saber empírico, extraído de um mundo vivido, de suas experiências pessoais ou herdado de outros que por eles passaram.

Trata-se de uma pesquisa ousada no momento em que vê a educação não-formal como uma grande possibilidade para as carências epistemológicas e pedagógicas apresentadas na educação nacional atual, pois segundo Gutierrez, "*o homem crítico, participativo e criativo, que buscamos para a sociedade do futuro, será o fruto do diálogo e da comunicação como encontro de indivíduos mediatizados por uma realidade que deve ser pronunciada em um ato criador, motivados pela necessidade de sua própria existência*" (1988, p.78).

Essas idéias nos levam a refletir sobre a interdisciplinaridade proposta por Morin (1998) em que o autor apela: "*precisamos de mundiólogos*", de pessoas que, como aranhas, se arrisquem ao salto no abismo, sendo interlocutores de um imenso imaginário social e cultural, possibilitando o elo, a unidade, a via de construção de uma verdadeira "*sociedade pedagógica*" ou "*educativa*" (termo utilizado por Delors, 1999). Tecendo juntos, permitindo a confluência entre inúmeras perspectivas diferentes, criando o verdadeiro *complexus* (do latim), o tecido junto, conjugado, pensado, refletido e, principalmente, participando, reinventando, estaremos em sintonia com a nossa realidade planetária concreta.

Para esses agentes comunitários, *mundiólogos e aranhas no mundo da vida*, intervir significa intermediar, desde uma postura de referência, como um elemento mediador entre duas partes, com o objetivo de interferir e modificar o funcionamento de um processo; significa então um processo de interferência ou influência com metas à promoção de múltiplas mudanças.

Mais concretamente, o agente comunitário aceita como postura uma forma de intervenção social que, frente a outras formas de intervenção, acentua como centrais determinados aspectos. Conforme González (1993), tomamos consciência da necessidade de:

- uma promoção do desenvolvimento humano integral;
- um sentido social de apropriação, de pertença, de comunidade;
- uma orientação desde uma perspectiva positiva de autogestão e fortalecimento pessoal e comunitário.

Nessa perspectiva, a intervenção comunitária feita pelos agentes é vista como influências planejadas (ou não) na vida de um pequeno grupo, organização ou comunidade com o objetivo de prevenir ou reduzir a desorganização social e pessoal. Na busca de promover o bem-estar comunitário, esses trabalhadores sociais otimizam e usam os recursos provenientes do próprio contexto.

Os recursos socioculturais incluem a influência dos costumes e valores da cultura sobre o indivíduo e as expectativas nele depositadas, a fim de fixá-lo em uma estrutura social.

Ainda, revendo a posição de González (1993), entendemos a intervenção comunitária como alterações, planejadas ou não, intencionais ou não, de relações intra-sociais (entre indivíduos, grupos, associações ou instituições) também responsáveis por um impacto na qualidade de vida da sociedade local e global.

A intervenção comunitária, também entendida como sinônimo da prática cotidiana de agentes comunitários, tem como propósito a promoção da condição humana através de esforços dirigidos, principalmente, a assistência aos menos favorecidos, visando à melhoria da qualidade de suas vidas.

Sendo assim, a intervenção na comunidade está mais centrada em problemas ou questões sociais presentes em processos complexos, multifacetados e dinâmicos que partem de um estado inicial dado e visam a alcançar um estado ou uma estrutura final definida por objetivos delineados ao longo da intervenção.

A ação comunitária inclui o encaminhamento e a resolução de problemas e o desenvolvimento do sistema comunitário (através dos indivíduos que o formam), aplicando estratégias e técnicas interventivas desde um estilo ativo de prestação de serviços, centrados na atenção integral da pessoa. O resultado da intervenção comunitária é a mudança social mediada através da mudança pessoal.

Vidal (1991) situa o agente comunitário ou o animador sociocultural (e toda a sua práxis psicossocial) como alguém muito parecido a um "*companheiro social*" do homem dos nossos dias (com problemas e

inquietudes sociais relevantes). É aquela pessoa destacada na comunidade por ser atuante em grupos e com um marco de referência perceptivo e relacional responsável pelo intento de uma relação de cooperação com a comunidade.

Dentro desse contexto, o agente comunitário difere dos profissionais clínicos, pois estes se encontram, geralmente, distantes e protegidos da realidade externa, e sua forma de trabalho, na maioria das vezes, é uma consulta segregada (espera problemas) fragmentando o sujeito que está ali, entre paredes, fora de toda a sua realidade social.

A denominação social-comunitária por si só já enfatiza o trabalho realizado com grupos, colaborando para a aquisição de uma consciência crítica responsável pela construção de uma identidade social e individual. O *tornar-se* ou o *ser* um agente comunitário pressupõe a aceitação de uma nova identidade, uma referência que é introjetada pela comunidade ao longo da intervenção.

Sem uma gênese específica, a práxis comunitária aparece inicialmente como um campo de atuação (informal e independente) dentro da saúde humana e da educação - enquanto áreas que se destacam. A existência da intervenção comunitária como prática está a indicar a necessidade urgente de construção de um quadro referencial emergente das ações desenvolvidas pelos animadores comunitários e, conseqüentemente, faz-se em desafio epistemológico como produção de um conhecimento em que o **campo de atuação**, a **pesquisa** e a **prática** profissional vão acontecer de modo simultâneo.

Neste ponto do debate, gostaríamos de apontar uma característica comum que apareceu no depoimento de todos os agentes comunitários e está a indicar uma forte tendência nesse processo de *tornar-se* uma figura referencial. Todos os participantes mencionaram a **disponibilidade para a ação** como um requisito inicial nessa trajetória. Embora nem sempre traduzida numa ação propriamente dita, é a responsável por um trabalho compromissado, revelando o lado emocional e os sentimentos, em que os profissionais despertam para as necessidades, aceitam o desafio, se engajam, e chegam à investidura de papéis, caracterizando-se por seu fazer, saber, sentir e intervir, como referenciais marcantes a serem perseguidos por eles mesmos e pelos outros.

Toda a animação realizada pelos agentes junto às comunidades tem um caráter afetivo, considerando os sentimentos, as motivações, as aceitações, as rejeições e as emoções atrativas e aversivas que estão, numa constante, gravitando em torno da intervenção comunitária.

Para tanto, o agente comunitário deve estar sintonizado com o contexto, respeitando seus limites e pluralidades, pois o sucesso de sua atuação conta com a participação coletiva e com o engajamento de todos. Para Morin "*o propriamente humano é a unitas multiplex: a unidade genética, cerebral, intelectual, afetiva do Homo sapiens demens, que exprime suas inúmeras virtualidades através da diversidade cultural. A diversidade humana é o tesouro da unidade humana, que é o tesouro da diversidade humana*" (1993, p.29).

Dar-se conta da diversidade cultural presente nas realidades, respeitando as diferenças, valorizando o saber popular e a capacidade criativa dos outros em resolver problemas (em encontrar lazer na música, na



dança, em fazer das atividades alternativas meios de sobrevivência, em transformar embalagens velhas em fonte de renda) é ponto de partida para um verdadeiro trabalho de consciência e animação sociocultural.

Para essa tarefa exige-se uma leitura do micromundo onde se vai atuar, buscando nele o como agir, no lugar de impor “fórmulas e estratégias” de atuação, geralmente, traçadas a partir de julgamentos, valores e necessidades adquiridos previamente. A aceitação do agente na comunidade está orientada para a averiguação de um trabalho em que prevaleça a escuta e o olhar atento como uma preciosa via propiciadora de encontros.

*A Artesã do Aprender nos dá um exemplo muito bonito, de mudança de concepção, em que ao reflexionar sobre sua ação social, consegue fazer uma leitura do contexto e das manifestações multifacetadas que este apresenta: “Comecei a me frustrar ao ver que o meu discurso socialista começava a irritar as pessoas, elas vinham para ouvir outra coisa e eu enchia a paciência delas, então eu juntava grupos, de vinte, trinta, quarenta pessoas aqui em Porto Alegre e queria multiplicar pessoas que me acompanhassem no meu discurso socialista e eu ficava sempre sozinha, não tinha quem me acompanhasse. Então, me dei conta que eles não estavam gostando do meu discurso, pelo corpo eu percebia. Os aspectos não-verbais que eram trazidos começaram a me apaixonar porque eu não tinha elementos para traduzir esse não-verbal, não aprendi e não sabia como usar isso, então eu comecei a observar os movimentos corporais durante as reuniões e a estudá-los, pela anatomia, biologia”.*

O **olhar atento** e a **escuta afinada** são requisitos fundamentais na prática de pessoas que desenvolvem atividades de liderança e gestão comunitária. O tornar-se um agente pressupõe um envolvimento intersubjetivo, de entrega, de humildade suficiente para estabelecer trocas

constantes com o entorno, para aprender com e a partir dele, num diálogo muito aberto com vistas ao conhecer mais e melhor.

Reforçando essa premissa do olhar atento e de como é possível ver além do que está aí, a *Artesã do Aprender* nos fala dessa aguçada percepção, dessa leitura ampla do comunitário tal como ele se apresenta: *“Enchia de gente, todo mundo saía feliz porque eu falava muito bem, porque eu explicava, porque eu lia, mas no fundo, no fundo, eu saía frustrada porque alguma coisa me dizia que eu não estava sendo tão feliz assim na minha escuta, mas eu não sabia o que era e quando eu toquei no rosto das pessoas, no corpo das pessoas, eu comecei a perceber que eu estava enchendo a paciência delas, que eu não estava sendo tão maravilhosa assim. Eu falava com meus companheiros e eles diziam: - Não! Tu está alucinando, não é bem isso, olha quantas pessoas vem, as pessoas aplaudem, tu perguntas como é que eles se sentiram e eles dizem que foi maravilhoso! Mas, eu não sentia isso”*.

Interpretar e compreender a dinâmica comunitária implica ver o fenômeno tal qual ele se mostra, permitir a retirada do véu, o desvelamento que acontece a partir do existente, da comunidade como ela se auto-revela. Para Comiotto (1999), *“aceitar a intersubjetividade como a tônica do vivido”* é o passaporte para sentir e assumir uma mudança, admitir um crescimento que vai do individual ao coletivo, do intrapessoal ao inter-relacional.

#### ***4.2.2 Mudanças Intra e Intersubjetivas: do crescimento individual ao inter-relacional***

Como se disse no início desta essência, *tornar-se* um agente comunitário implica movimento, mudança e não ocorre de uma hora para outra. Ninguém recebe um diploma de agente comunitário, pois este título só é dado por mérito e reconhecimento. Simbólico, está no imaginário social e só é concedido pela própria comunidade àqueles que realmente forem os merecedores.

A trajetória rumo ao ser um agente comunitário envolve uma profunda reflexão sobre o *eu*, acerca de suas limitações e possibilidades, bem como sobre o *eu implicado com o outro*, rumo a uma transformação. Esse refletir se traduz num mergulho intra-subjetivo que, em alguma etapa de suas trajetórias, todos os agentes tiveram de fazer.

Há um caminho com estágios e desafios por superar, pois o **despertar para o coletivo implica uma tomada de consciência** da nossa responsabilidade, de nosso compromisso social. Segundo o depoimento dos agentes ouvidos, esse aflorar para o comunitário se dá de maneiras variadas:

- A partir de um convite verbal, claramente expresso por alguém já comprometido com o projeto comunitário, conforme refere o *Acendedor de Vivências*: “Bom, hoje eu sou um agente comunitário porque fui convidado. Nós tínhamos aula de sexualidade no colégio e eu me interessava pelo assunto e a diretora me convidou. Fiquei sabendo que ia ter um curso de capacitação

*para trabalhar com a questão da AIDS e DST e foi assim que me inseri nesta atividade.”*

- Dá-se, também, por estarem inseridos no contexto e experienciar as carências e fragilidades comunitárias (pobreza, marginalidade, fome, preconceito, doenças, condição social, raça) presentes no seu cotidiano.

A *Recicladora da Vida* nos fala um pouco desse envolvimento que nasce na percepção, na captação e experimentação das carências contextuais: *“Eu tinha o desejo de mudar aquela realidade e para mudar tem que trabalhar em cima da questão. As mulheres da comunidade responderam que a violência maior que existia era a doméstica, aquela que ninguém via, onde as mulheres eram estupradas por seus próprios maridos, onde elas viam suas filhas, enteadas de seus maridos, serem também estupradas e tinham de ficar quietas, não podiam dizer nada. Isso fez com que as pessoas se comprometessem ainda mais, as mulheres participaram mesmo. Tive muita sorte. As pessoas se aproximaram do projeto, ajudaram, foi uma das entidades em que mais se acreditou dentro da vila.”*

- O despertar para o comunitário acontece, muitas vezes, quando são levados por modelos de identificação que lhes serviram, em alguma etapa de suas vidas, como forte exemplo de compromisso com a causa social.

Ao se autodenominarem líderes, animadores socioculturais, agentes comunitários, coordenadores, idealizadores, educadores sociais, carregam junto ao nome, como uma identidade nominal e contextual, o título de pessoas de referência. Ao se remeterem às origens de sua ação e de sua

disponibilidade para as questões relativas ao âmbito social, não raro, partem de lembranças e citam modelos de identificação como incentivadores ativos nesse processo de construção de referenciais.

O *Pastor Social* nos fala de seus tempos de juventude e de seus primeiros passos pelas trilhas da intervenção comunitária. Em pleno período de Revolução, nos conta como eram promovidas as ações coletivas e como um de seus amigos lhe serviu como forte modelo de identificação. Ele diz: *“Lembro do meu tempo de estudante e de um amigo padre que eu tinha e me marcou muito. Nós íamos para as comunidades carentes e queríamos fazer alguma coisa por aquelas pessoas então, perguntávamos para o pessoal da universidade: - O que tu sabes fazer? Horta! Que bom, vamos ensinar o povo a plantar. E tu? Sei vacinar! Ótimo, vamos fazer uma campanha de vacinação!”*.

- Afloram para o compromisso comunitário, também, por apresentarem características e tendências intrapessoais e interpessoais que os habilitam para a condução de determinada intervenção.

No depoimento a seguir, encontramos um exemplo precioso onde a *Artesã do Aprender* nos fala de como percebeu suas tendências para a intervenção social e cita um guia muito especial, um verdadeiro *sherpa* (*aquele que conhece os caminhos*) como forte modelo de identificação: *“Então começamos com o que tínhamos: inquietação, revolta, vontade de mudar. Todos nós trabalhávamos no setor popular, com periferia, e começamos a tentar, experimentar algo diferente. Cada um do seu jeito começou a fazer algo diferente, cada um do seu modo, descontente com o que existia, foi experimentando. Mesmo porque todos nós tínhamos sido, de alguma forma, companheiros de Paulo Freire; eu fui aluna dele, fui supervisionada por ele, o R. foi companheiro dele no exílio, foram para o Chile na*

*mesma época. Ele colocou em nós essa coisa bem dentro, esse desejo de fazer algo, de perceber, de ver como a comunidade nos chega, de transformar... O desejo que permanece até hoje."*

Como vimos nos depoimentos acima, os agentes comunitários vão construindo, pouco a pouco, o que os tornará figuras referenciais. Para se tornarem alguém referente, buscam no fundo de sua subjetividade - do que os funda enquanto sujeitos - aquelas marcas, experiências, lembranças, momentos e modelos como alimento-combustível para o ser e o agir na comunidade.

Conforme Marín Ibáñez, o ser carrega o agir, pois *"ser es trascenderse, ir más allá de sí, salir de sí mismo. Nuestro conocer, querer, estimar, van necesariamente referidos a algo o a alguien. Cuando cada uno se vuelve sobre sí mismo, es para evocar el eco de la realidad, de los demás, en nuestro interior, su efecto en nuestro ser"* (1980, p.80).

O ser transcendente vai além e, como um viajante sem rumo, vai traçando os mapas. Vai conhecendo variados entornos e admite o exercício permanente de extrapolar os horizontes pessoais e intra-subjetivos em direção a uma realidade mais ampla, a dimensão do outro.

O *Operário das Idéias* nos fala desse mergulho intra-subjetivo, calcado numa mudança de olhar e de lugar que redireciona e ensina a ver diferente. Propõe uma saída do mundo conhecido, preso ao eu, para um mundo maior, singularizado pelos outros, todos os demais (alheios ao eu). Ele diz: *"Vejo que sem esse trabalho muita coisa na nossa vida seria bem diferente, a minha seria diferente, aprendemos a ser dinâmicos, a nos dar conta de que aquilo que as pessoas nos passam nem sempre vai nos ajudar, aprendemos que temos mais direito do que*

*aqueles que sabemos, quer dizer, começamos a descobrir um mundo diferente. Nosso mundo deixa de ser aquele mundinho em que vivemos, vamos vendo que tem um mundo fora da gente, um mundo fora do nosso umbigo, foi por isso que eu entrei no movimento comunitário."*

Na citação acima, o uso dos grifos nos termos *nossa vida* e *a minha* são propositais e demarcam os atravessamentos do intra no intersubjetivo, os rumos do pessoal em direção ao coletivo, ou seja, a co-presença do *eu* no *nós*. Na fala do agente comunitário, os termos aparecem como sinônimos e estão a indicar a capacidade da natureza humana em estabelecer relações de convivência; a inter-relação se configura aqui como uma dimensão ontológica do ser humano e constitui, também, um método de aproximação da realidade existencial e contextual.

Conforme Habermas (1984), esse é o amadurecimento para a **subjetividade social**, a *transcendência do eu* num acordo de ideários coletivos. Quando as pessoas percebem a existência de seu *eu* no mundo e se comprometem com este mundo (como uma extensão do *eu*), ultrapassam os limites individuais e conseguem perceber a existência de uma esfera coletiva. Assim, garantem seu espaço individual no mundo social.

O *Pastor Social* nos fala de como se dá essa mudança que parte de dentro: *"Essa vontade e responsabilidade por uma causa social vem como se fosse um trabalho de formiga que vai se formando dentro da gente e onde a base deve ser a família, eu acredito que seja, e fomos crescendo e, quando estudávamos, achávamos que fazer eventos esporádicos que reunisse as pessoas e pudesse estimular a participação de muitos já era uma grande coisa, mas era nossa idéia inicial e depois fomos vendo que os eventos começam e terminam, e é preciso algo mais duradouro."*

Segundo Natorp:

*“No ocurre, ni es posible, el ponerse frente a sí mismo, el juzgarse a sí mismo sin la múltiple experiencia de cómo una conciencia se pone frente a otra, de cómo uno juzga a los demás; no existe pregunta ni respuesta, enigma ni solución, como primeros pasos de la conciencia propia de cada uno en particular, sin que todo esto haya ocurrido primero en la relación recíproca de los individuos en la comunidad” (1898, p.103).*

Dentro dessa perspectiva, a relação recíproca é a porta de entrada para um exercício reflexivo que nasce no interior, individual, pessoal, circunstanciado pelo intra-subjetivo, em direção ao coletivo, social, plural, intersubjetivo.

A *Recicladora da Vida* nos fala de verdadeiras mudanças intra-subjetivas, ao nos dizer: *“As perspectivas de vida estão aumentando, hoje eu tenho pessoas que eram absolutamente mal educadas, que não sabiam falar nada e só tinham um monte de palavrão na boca e aqui é proibido falar palavrão, aqui só é permitido falar em: amor, tesão, eu te amo, felicidade, essas coisas que as pessoas não estavam muito acostumadas a dizer e que nem acreditavam mais que existisse”*, revela uma dimensão transformadora presente na ação social. Ao se relacionarem, as pessoas redimensionam seu espaço pessoal e resgatam aspectos esquecidos de sua auto-estima.

E ela complementa com um exemplo de uma mudança pessoal em função de uma revalorização, de uma ressignificação existencial situada no mundo-vivido. Mais uma vez, as pessoas se encontram na espera coletiva, garantem seu espaço na subjetividade social:



*"Pensando eu vi que tudo começou a partir de um trabalho que fizemos para desenvolver a sexualidade das mulheres, a primeira coisa que elas quiseram depois da palestra que teve com a psicóloga foi **um espelho para poderem se olhar** e ficou bem na porta do banheiro, pois elas queriam se ver quando saíssem do trabalho. **Hoje elas vem e vão arrumadas para casa**, porque antes elas vinham de qualquer jeito e saiam piores ainda, porque saiam sujas. Então se fez um trabalho onde elas começaram a se valorizar como pessoas, e aí já não queriam mais andar sujas na vila, só queriam se olhar, queriam chuveiros e diziam: Ah não, só dois chuveiros não dá, tem que ser quatro e tem que ter box no banheiro" e todas essas mudanças foram transformando o trabalho e a construção desse galpão de reciclagem."*

Os agentes comunitários, contemporâneos de seu próprio tempo e contexto, conseguem transcender a dimensão do eu. Conseguem, a partir de uma transformação interna, redimensionar seu existir.

Suas múltiplas formas de agir emergem dos espaços micro e macrossociais e estão alicerçadas na coletividade como abrigo e condição de existência no mundo-da-vida. Ao encontrarem seu espaço no grande campo social, transformam suas vidas e se entregam aos variados convites que a realidade lhes apresenta.

Em seus Currícula estão impressas, ao invés de palavras e folhas, experiências originais que, por si sós, justificam a figura que assumem hoje na comunidade. Como protagonistas de passados e presentes enredos, vão construindo, dia a dia, seus referenciais pessoais, coletivos e sociais.

### 4.2.3 Construindo Referenciais: Pessoais, Coletivos e Sociais

A iniciativa de realizar um trabalho social, articulado com o entorno comunitário, pode ser assumida por pessoas de diferentes meios e formações que tenham tomado consciência da limitação de um trabalho fragmentado, setorial e consideram importante ir modificando aspectos negativos da realidade: contextos marginais, estratificação de classes, desemprego, analfabetismo.

Mas essa iniciativa, essa aptidão para o engajamento comunitário vai além de um projeto de intervenção, pois está ligada, de forma direta e intrínseca, às características pessoais que estão a constituir o sujeito da ação. Diante de todos os depoimentos dados para a realização desta pesquisa, poderíamos dizer que os agentes comunitários constroem seus referenciais coletivos e sociais a partir de um referencial pessoal, interiorizado.

O *Pastor Social* nos fala desse engajamento comunitário e de como ele nasce e se pluraliza na convivência: *“Íamos atuando como podíamos, fazendo os recursos com nossas próprias mãos e levávamos todo mundo conosco. Esse meu amigo padre era revolucionário, entrava nas comunidades e trabalhava com a consciência crítica das pessoas e eu ia atrás, no sermão ele dizia horrores. Quando eu o via atuando eu pensava: - Ah, esse padre é comunista! Isso, naquela época, em plena Revolução, era quase dizer que era um padre espírita, era um adjetivo pejorativo. Depois, o prenderam e ele teve de largar a batina por ser um revolucionário crítico, perdemos totalmente o contato. Pois é, nos calaram à força e perdemos a voz e a vez, mas a lembrança, o exemplo e as marcas deixadas por ele não nos tiraram e é o que nos move hoje.”*

Ao nos trazer essas lembranças, esse agente comunitário parte da construção de um referencial pessoal destinado a um coletivo. Num primeiro momento, ao dizer que tinha um amigo que o marcou muito e de quem *“ia atrás”* nos mostra sua identificação pela causa comum. Ao mencionar *“levávamos todo mundo conosco”*, demonstra uma preocupação mais ampla de compromisso e engajamento junto à ação social.

O exercício de uma atividade de ponta na comunidade exige a construção de uma identidade. Esta identidade vem sendo construída com o passar dos anos, com os exemplos introjetados e a partir de um reconhecimento dos gostos, das aptidões e das habilidades individuais de cada um.

O *Operário das Idéias* nos traz um exemplo muito claro dessa trajetória da identificação pessoal rumo ao trabalho coletivo. Fala-nos de suas necessidades e gostos como aspectos que o estimularam no início da atuação: *“O trabalho com comunidades eu comecei quando vim do interior para cidade e morava na vila. Na época eu estudava, fazendo Filosofia e senti a necessidade de participar da organização da comunidade para sentir de fato a vida que as pessoas levam, aquilo que as pessoas precisam, aquilo que as pessoas necessitam e para de fato aprofundar aquilo que estudamos, conhecemos, para que as outras pessoas também saibam se organizar e garantir os seus direitos. Vim para Porto Alegre e fui trabalhar com criança e adolescente e era uma área que estava precisando de pessoas atuantes. Eu sempre gostei de criança, de brincar, de mexer com a criançada e foi uma área que começou a me tocar muito, eu trabalhava na comunidade mais pobre e era uma miséria total numa ocupação que tinha ali, então a minha função era de realizar visitas nas casas para fazer com que a gurizada fosse participar de um projeto de esporte.”*

Outro agente comunitário, aqui chamado de *Acendedor de Vivências* também reparte conosco como se deu, na sua vida, essa sensibilização para o comunitário. Ele diz: *“Eu no início pensava: - Não vou conseguir fazer isso, eu morro de vergonha. Mas, esta vontade de trabalhar com uma causa social já me acompanhava desde pequeno quando eu falava para minha mãe que queria ser um artista bem rico para ajudar os meninos pobres, queria construir uma casa para eles e tirá-los das ruas, todos que eu pudesse (choro). Eu não me tornei um artista e nem construí esta casa, mas fazendo este trabalho eu já consigo passar para muitos jovens e, muitos deixam de ser meninos de rua, que eles não precisam morrer de AIDS e nem viver correndo, fugindo para não serem estuprados. Porque este trabalho envolve também a questão de ir contra a violência.”*

Ao vencerem obstáculos individuais se tornam dinamizadores de ações coletivas e adquirem, pouco a pouco, uma identidade muito singular, legítima e original. Ela é atribuída ao agente comunitário via entorno, segundo as impressões deixadas na comunidade e junto àqueles que estão engajados na atividade social.

Trata-se de uma atividade que envolve um trabalho motivacional e de resgate, por parte do agente, a fim de que as pessoas participem e se envolvam em um movimento conjunto rumo a resultados favoráveis à população. O animador trabalha, na linha de frente, como fio condutor da proposta, parte de um referencial pessoal (iniciativa própria) e conta com os campos coletivo e social enquanto amplificadores, multiplicadores das ações comunitárias.

O trabalho de **articulação** com o contexto e outras instituições enfatiza o papel do agente, enquanto dinamizador e mobilizador da comunidade, convocando-a para um trabalho comprometido e de parceria.

Nessa forma de atuar, vemos que é indispensável que o agente considere a comunidade como um cenário de integração de forças, onde os próprios moradores sejam os protagonistas das mudanças necessárias. É um trabalho que passa pela mobilização do agente que começa a *costurar* os primeiros pontos de encontro das diferentes esferas e forças da comunidade na busca de mudanças, transformando, assim, a dinâmica comunitária.

A *Recicladora da Vida* nos dá um exemplo dessa união de forças que acontece na participação coletiva, na consciência de uma co-responsabilidade pela ação comunitária: *“A gente faz muito juntas, saímos para fazer festas juntas e nos apoiamos. Nós brigamos com os maridos quando eles brigam com as mulheres e vamos para a casa delas, abrimos a casa, invadimos, damos parte do marido. Somos muito unidas e preservamos nossa liberdade, nossa liberdade de ação dentro da comunidade, as pessoas se politizam, freqüentam as reuniões da comunidade, cada mulher daqui é liderança de uma rua, e, se tem mais de uma mulher, todas são lideranças na mesma rua, vemos que as ruas onde têm mais mulheres morando juntas são ruas muito melhores, que tem uma boa iluminação, onde as mulheres organizam as crianças, organizam o lixo que é bem acondicionado para ficar na frente, para esperar o caminhão, então elas já têm esse entendimento maior.”*

Nesse âmbito, vemos que a *relação* e *participação* são condições intrínsecas ao processo educativo-comunitário. Ter um **entendimento maior** é estar incorporado num processo dinâmico, que se articula e se desenvolve de diferentes maneiras no tempo e no espaço: não possui uma linearidade,

admite momentos de avanço e retrocesso, momentos pacíficos e conflituados, como acontece em todo o processo humano não-estático.

A *Artesã do Aprender* nos revela alguns momentos de parada e reflexão, quando foi preciso ler a partir de outra perspectiva o que está acontecendo na comunidade. Partir da realidade é assumir o fenômeno como aquilo que ali está, mostrando-se. Na comunidade o fenômeno é o dado, dando-se: *“Não lemos o que estava acontecendo. Nós achamos que como aconteceu uma Revolução Cubana, que toda a América ia se humanizar e aconteceu o contrário: muitas mortes, muitas perdas, muita gente sofrendo e até hoje se sofre por conta desta ditadura. Rompendo a democracia, na década de 80, não se fez essa leitura, dos erros que cometemos ao estar transmitindo conhecimentos. Vimos que o equivocado na nossa prática era a falta de uma leitura desde a realidade, a gente tentava implantar algo a termo. Isto eu pude comprovar na própria formação acadêmica, na escola, nas relações familiares, a relação existente é uma relação de dominação porque não há uma simetria, há uma imposição de coisas aprendidas.”*

Como vemos, a construção de referenciais comunitários é um processo dialético, porque implica uma relação mutante entre os protagonistas, em que cada um tem que exercer seu próprio papel, suas próprias competências e atribuições de maneira democrática e aberta. Isso tampouco é o habitual e se conseguirá ao longo do tempo, pois trabalhar com outras pessoas não significa trabalhar por elas.

Conforme aponta o *Operário das Idéias*: *“Cada um de nós têm parcelas em tudo que acontece na sociedade, principalmente na base estrutural da sociedade, da questão social, nós somos todos chamados a fazer parte no sentido de dividir as dificuldades que existem, porque de tudo que está aí nós somos parte e, então,*

*não podemos tirar o corpo fora, não podemos tirar a nossa parte fora. Se cada um de nós fizesse um pouquinho talvez já fosse o bastante para resolver o problema dos outros, que não é só do outro, é nosso também, então, para resolver os nossos problemas."*

Ao admitirem a existência de um mundo macro, os agentes comunitários abandonam velhas formas do viver e reconhecem, na participação coletiva, uma nova fonte de aprendizagem. A *convivialidade* é uma *via de mão única* para a efetivação de um processo comunitário – este só nasce e se desenvolve se muitos participam e se comprometem.

Marchioni (1999) afirma que o papel do agente comunitário, inicialmente, admite um caráter mais de condução e vai, aos poucos, cedendo espaço para outros participantes, pessoas que vão se capacitando e intervindo no projeto coletivo. Aos poucos, o trabalho do agente comunitário passa a ser mais nos bastidores da ação comunitária, num papel de animação, enquanto figura âncora no encaminhamento e condução do processo.

O *Operário das Idéias* nos fala dessas trocas transversais de papéis que acontecem no decorrer do processo de animação e de intervenção comunitária. Na sua concepção, é uma troca que se faz necessária visto que a ação social é um projeto dinâmico de atuação, com vistas à autonomia autogestada: *"Nós comentamos na reunião de comunidade que falta a formação de lideranças novas e não no sentido de formar pessoas 'cabeças', mas formar pessoas que consigam semear no meio das outras pessoas valores diferentes, porque nós de tanto caminhar chega num ponto em que estagna e fica difícil de mudar. É como o professor, chega num ponto que de tanto praticar é difícil mudar a aula, então é uma necessidade que temos notado que precisa ser resolvida."*

Isso nos leva ao ponto central da metodologia que norteia as intervenções comunitárias: todo o trabalho gira em torno das relações entre os protagonistas. O processo comunitário só pode se desenvolver numa dimensão, em uma comunidade que aceite as relações humanas e sociais entre as pessoas. Por isso, a intervenção comunitária pode ser definida como um trabalho social (não é patrimônio exclusivo de uma profissão).

A construção de referenciais está em outra instância e não pode caracterizar um rol de atribuições profissionais, porque não o é. Está colada, enraizada no solo comunitário. O agente como ser referente é visto como o companheiro social, conforme refere o *Poliglota Cultural*: *“O que mais me chama atenção são os irmãos das crianças que freqüentam o programa, os pequenos, essas crianças me abordam na rua, vem e me abraçam, querem pegar nas minhas mãos. Quando eu saio na rua é incrível, todo mundo quer pegar nas minhas mãos. Uns pegam na cintura, outros me pedem um abraço porque eles sentem quais são as pessoas com que podem contar e por estar a tanto tempo e ser um iniciador do trabalho passei a ser, como eles mesmos já disseram para mim: ‘o pai do programa’. Sou da comunidade e estou fazendo muito por ela e, mesmo assim, vejo que muito eu já fiz e muito terei de fazer ainda, e isto é gratificante, estar caminhando na rua e ser abordado por pessoas que nem conheço por já ser uma referência para a comunidade.”*

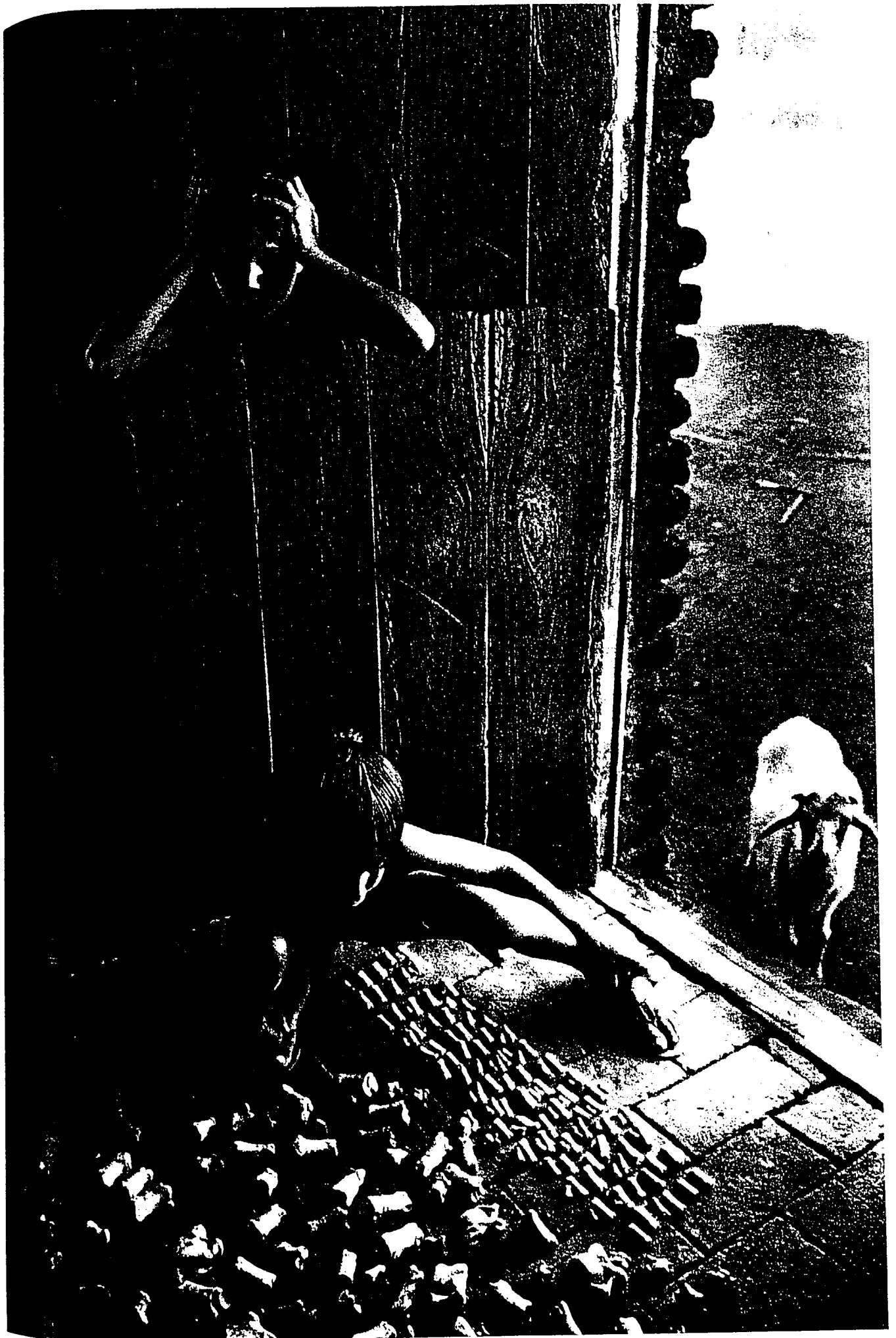
Para assumir uma identidade comunitária, os agentes se despojam de muitas concepções pré-fixadas durante seu *ser* e *estar* no mundo-da-vida. A disponibilidade para a ação social não pode ser encarada como uma habilidade a mais, mas como uma competência inicial.

Como vimos nesse último depoimento, a facilidade de dar as mãos, de abraçar, de permitir que o *eu* se estenda ao exterior e seja reconhecido é o



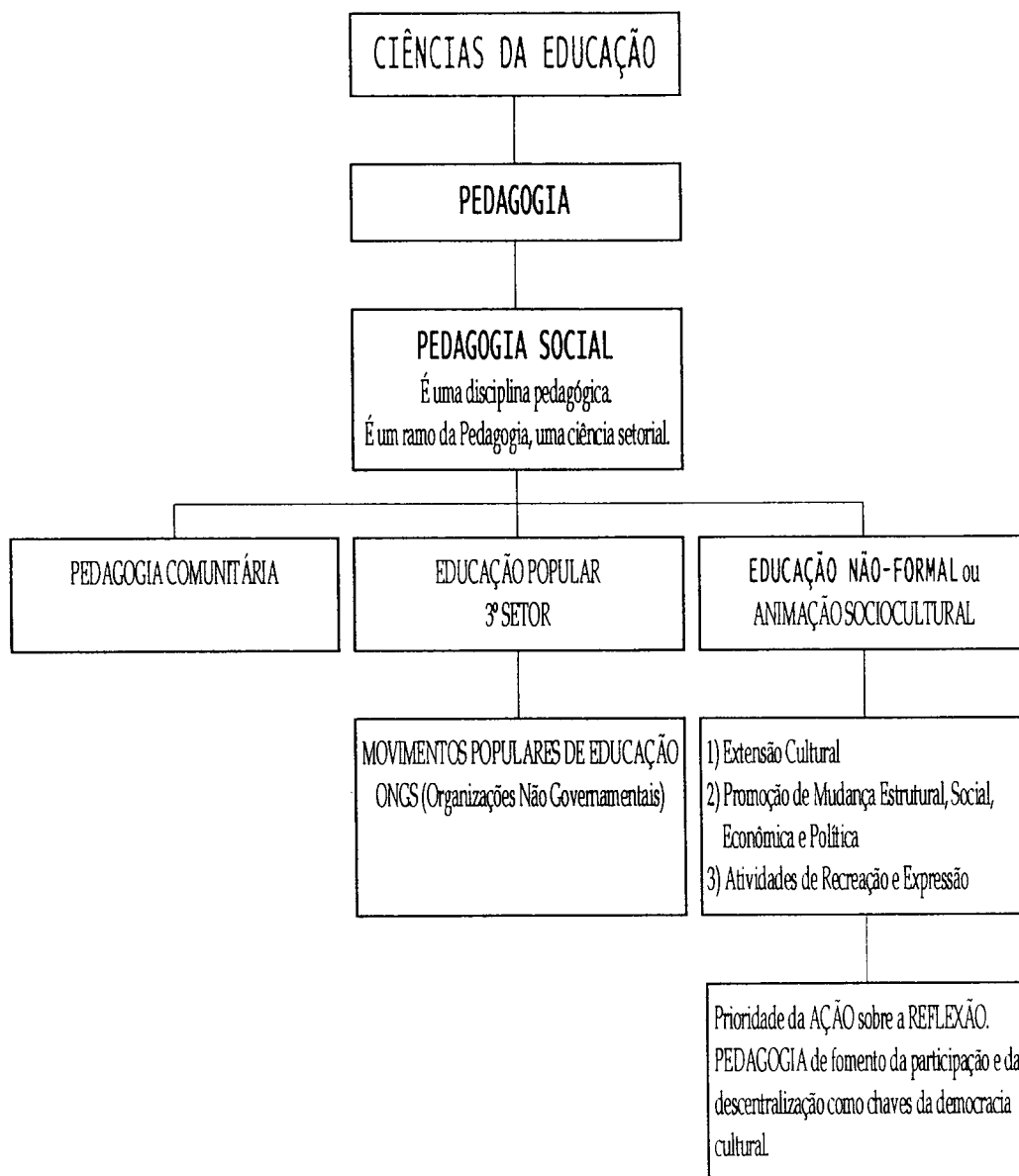
que permite que essas pessoas, esses agentes da comunidade, possam lapidar percursos variados, propor novos contornos e re-humanizar para a vida.

Na prática sociocomunitária todos são, num movimento simultâneo, os ensinantes e aprendizes e a escola, sem paredes nem portões, *é o mundo-vivido* e está aí, *se mostra, se revela e desvela* diante de nossos olhos, mas é preciso disponibilizar o olhar. Nessa nova ótica, os conteúdos são dinâmicos e, coloridos pelo cotidiano, estão repletos de sentidos e significações.



# SITUANDO A EDUCAÇÃO

## NÃO-FORMAL



*Situando a Educação Não-Formal.* Esquema temático desenvolvido pela autora da dissertação com base teórica em Cabanas: 1991, 1992 e 1994 conforme indicação nas Obras Consultadas.